

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

LIDERANÇA VETEROTESTAMENTÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE: TRÊS
MOMENTOS DA VIDA DE MOISÉS QUE SÃO ESSENCIAIS NA LIDERANÇA CRISTÃ
DE HOJE

Edmilson Roger Monteiro

Edmilson Roger Monteiro

LIDERANÇA VETEROTESTAMENTÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE: TRÊS
MOMENTOS DA VIDA DE MOISÉS QUE SÃO ESSENCIAIS NA LIDERANÇA CRISTÃ
DE HOJE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
Requisito final no curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Orientador: Prof. Dr Pedro Evaristo Conceição Santos

SÃO PAULO
2025

Monteiro, Edmilson Roger

Liderança Veterotestamentária na contemporaneidade: três momentos da vida de Moisés que são essenciais na liderança cristã de hoje. / Edmilson Roger Monteiro – São Paulo: 2025.
53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos

1. Chamado 2. Liderança cristã 3. Oração 4. Relacionamento I.
Título. II Santos, Pedro Evaristo Conceição

CDD 221.922

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Edmilson Roger Monteiro

**LIDERANÇA VETEROTESTAMENTÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE: TRÊS
MOMENTOS DA VIDA DE MOISÉS QUE SÃO ESSENCIAIS NA LIDERANÇA
CRISTÃ DE HOJE**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos – Orientador

Prof. – Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz

Agradecimento e Dedicatória

Agradeço e dedico esse trabalho ao Senhor Jesus Cristo e as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para essa pesquisa.

Francis Chan, Louco Amor (2009, p.94,95).

*Você está disposto a dizer a Deus que ele pode ter o que quiser de sua vida?
Acredita que um compromisso sincero com ele é mais importante
que qualquer outra coisa ou pessoa?
Você tem consciência de que nada que vier a fazer nesta vida será importante,
a não ser que tenha relação direta com seu amor a Deus e às pessoas que ele criou?
Se a resposta a essas perguntas for "sim" então torne
suas ações compatíveis com seu discurso.*

RESUMO

Este trabalho lança mão do exemplo de Moisés, para ser mais específico, de três momentos de sua vida, que apontam aspectos indispensáveis no que diz respeito ao chamado de alguém para a liderança cristã. Os capítulos abordam, respectivamente, a necessidade reconhecida de alguém que lidere o povo, a presença divina como o diferencial e a essência para o cumprimento da tarefa e, por fim, a certeza de que há uma vocação pessoal. Por ser uma pesquisa bibliográfica, as obras citadas reforçam a necessidade do relacionamento para com os liderados e, sobretudo, para com Deus, o responsável pela chamada. Nos três capítulos, a oração é defendida como um elemento substancial, uma vez que é através dela que o candidato terá intimidade com o Senhor que vocaciona, além de alcançar prazer nesse relacionamento e liderar com sabedoria, ou seja, de acordo com os parâmetros divinos. O trabalho defende que o Deus que chamou, acompanhou e capacitou Moisés, é o mesmo que chama, acompanha e capacita os líderes atuais.

Palavras-chaves: Liderança cristã, chamado, oração, relacionamento.

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1 PREPARAÇÃO DA NOVA LIDERANÇA	9
1.1 A necessidade de um líder.....	9
1.2 O líder mestre.....	11
1.3 O líder que é modelo	17
Capítulo 2 A PRESENÇA MOTIVADORA DE DEUS.....	22
2.1 A Presença prometida.....	23
2.2 Dependência inegociável no Senhor	27
2.3 Submissão total a Deus	31
Capítulo 3 A CONVICÇÃO DE SER LEVANTADO POR DEUS	36
3.1 Deus levanta pessoas para auxiliar.....	37
3.2 A vocação é pessoal	39
3.3 Vocação como prioridade.....	44
Considerações finais.....	49
Referências bibliográficas	51

INTRODUÇÃO

Todo e qualquer indivíduo que aceite a fé cristã, recebe dela uma missão a contribuir. É possível observar que o próprio Jesus discipulou e preparou seus seguidores para ensinar outros que ensinaram outros e assim por diante, chegando nos dias atuais (Cenedesi & Santos, 2022). Todos os cristãos são vocacionados para esta tarefa e “a maioria sente que deveria ter sido capaz de fazer tudo isto, e de fazê-lo com sucesso” (Nouwen, 2018, p.35)

A partir desse cenário, faz-se interessante destacar que, embora haja um chamado, o homem costuma agir de forma contrária à sua própria natureza (Spurgeon, 2011). Em outras palavras, existe a necessidade de ter alguém que direcione os passos que devem ser dados (Conceição, 2013).

Dessa necessidade é que surge a figura do líder. Alguém que entende a vocação geral e a vocação específica (Costa, 2019). O povo de Israel, por exemplo, foi separado por Deus e, este Deus, separou, dentre todo o povo, o líder Moisés para auxiliar o povo em sua caminhada (Êxodo 3). Através da vivência de Moisés, o presente trabalho está dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo trata do episódio registrado em Números 27, onde Deus indica Josué como sucessor de Moisés, ou seja, mesmo sabendo de sua morte, o líder do povo não se preocupa apenas consigo, muito pelo contrário, Moisés se preocupa com o futuro de Israel (Wiersbe, 2006), reforçando a necessidade de preparar novos líderes para as novas gerações.

O segundo capítulo apresenta o pedido de Moisés pela presença de Yahweh, registrado no livro de Êxodo, capítulo 33. A presença divina servia para o fortalecimento e perseverança na travessia do deserto (Martins, 2022). Vale salientar que “Deus constantemente oferece a si mesmo como motivo suficiente para estarmos em paz diante de nossa missão” (Martins, 2022, p.71).

O terceiro e último capítulo busca trabalhar a clareza do chamado ser divino e não humano. Baseado em Êxodo 3, texto da chamada de Moisés, há destaque na exigência pela santidade do Deus que chama, confirmando que, vindo d’Ele, “o ministério é sacro, é bíblico e espiritual” (Corrêa, 2016, p.15).

Sendo assim, os três capítulos falam sobre liderança e seus sinônimos, como mestre, discipulador, pastor, entre outros. Cargos estes que apontam para a instrumentalidade e soberania de Deus em “preparar o coração dos discípulos para receber Jesus como Senhor [...], prepara-los para o exercício da missão e aperfeiçoá-los para a eternidade” (Arantes, 2016, p.22).

Portanto, o líder prepara outros para prosseguir a missão na dependência do Senhor, pois o chamado é divino. O líder que não é chamado por Deus constrói impérios para si, depende de suas próprias forças e não compartilha o conhecimento com ninguém. Vale dizer que este trabalho, por sua relevância, tende a ser usado na preparação de novos líderes na associação e igreja local.

Capítulo 1 PREPARAÇÃO DA NOVA LIDERANÇA

INTRODUÇÃO

Uma das grandes verdades no mundo da liderança bíblica é a necessidade de preparar outros líderes para que haja continuidade no trabalho. Visto que é um ponto aceito sem maiores discussões, o presente trabalho lança mão deste aspecto logo de início. Para abrir a compreensão, a Bíblia apresenta o seguinte relato entre Deus e Moisés, registrado em Números 27

16. O SENHOR, autor e conservador de toda a vida, ponha um homem sobre esta congregação 17. que saia adiante deles, e que entre adiante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar, para que a congregação do SENHOR não seja como ovelhas que não têm pastor. 18. Disse o SENHOR a Moisés: Toma Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e impõe-lhe as mãos; 19. apresenta-o perante Eleazar, o sacerdote, e perante toda a congregação; e dá-lhe, à vista deles, as tuas ordens.

De acordo com a Bíblia, Deus anunciou que Moisés morreria e a preocupação deste foi com o futuro dos israelitas (Wiersbe, 2006). Assim, o desejo de Moisés “era que Deus providenciasse um líder para o povo, pois eles não passavam de ovelhas, e ovelhas precisam de um pastor” (Wiersbe, 2006, p.475). Essa preocupação é extremamente válida.

1.1 A NECESSIDADE DE UM LÍDER

Uma vez que Moisés conhece bem o povo que lidera, o pedido por um novo líder é um exemplo a ser seguido atualmente. Madureira (2019) deixa claro que seguir o mestre é o imperativo mais importante que alguém pode ouvir na vida. Dentro do contexto de adoração e espiritualidade, ter alguém para seguir é relevante, pois “a falta de conhecimento adequado do Deus revelado nas Escrituras gera um culto repleto de anseios idólatras que não agrada ao Senhor.” (Vanhoozer, 2015, p.8)

Ainda com o olhar no passado, vale a pena deixar registrado o pensamento de Padilha

lamentavelmente, onde não há reflexão sobre o passado, também não há uma compreensão adequada do presente nem uma base apropriada para projetar-se em direção ao futuro. (2009, p.105)

A partir disso, concorda-se que o líder é necessário. Necessariamente, há alguns critérios a serem avaliados no candidato ao posto de liderança, sendo um deles a compreensão de que um líder precisa lembrar-se que ele é condutor e não dono do povo (Scholl, 2016). O mesmo autor complementa que o “líder servo é o líder que está entre aqueles que ele lidera e não acima deles” (Scholl, 2016, p.122).

Essa definição facilita a ação do próprio líder ao “fazer com que as pessoas venham a conhecer a Deus e glorificá-lo em tudo o que fazem” (Piper, 2022, p.7). Earley (2018) defende que houve um

afastamento da ideia de que cada crente é um santo e, por consequência, responsável em cumprir o ministério.

Sendo assim, a liderança é indispensável e é o que impulsiona um grupo para o sucesso (Conceição, 2013) e para o fracasso. Depender da orientação de alguém pode parecer cômodo para alguns, tanto quanto ofensivo para outros, porém, o discipulado não se trata de controle sobre o grupo, como já mencionado acima, na verdade, a proposta é que haja “investimento de vida na vida com o objetivo de conduzir o discípulo a uma dependência cada vez maior do Senhor Jesus Cristo.” (Arantes, 2016, p.17)

Ao seguir neste caminho, Chan diz que “a definição divina do que importa é bem objetiva e franca” (2009, p.90). Essa afirmação reforça o pensamento de Caliguire (2004) quando aponta que o treinador qualificado torna mais clara a natureza dos obstáculos de dentro e de fora, além de auxiliar o desenvolvimento estratégico para superá-los sem maiores complicações.

Esse é o papel do líder. No padrão bíblico

um líder espiritual deve ser uma pessoa que tem forte confiança na bondade soberana de Deus em fazer tudo cooperar para o seu bem. Caso contrário, ele inevitavelmente cairá na armadilha de manipular as circunstâncias e explorar as pessoas para garantir para si um futuro feliz o qual ele não tem certeza de que Deus proverá. (Piper, 2022, p.14)

Vale ressaltar também que neste mesmo livro, Piper (2022) defende que transformar vida e pensamento para honrar a Cristo é o grande objetivo do líder. Não se trata apenas de finalizar uma atividade ou cumprir uma missão, embora seja muito importante. O líder que objetiva mudar os corações consegue, com êxito, atingir o alvo, pois ele “não joga as mãos ao vento, mas aponta o caminho para Deus” (Piper, 2022, p.45).

Dessa forma, o líder, ao longo da história, é responsável em providenciar que a geração seguinte tenha condições de prosseguir na missão e avançar com a obra (Wiersbe, 2006). Um dos principais motivos dessa responsabilidade é que para os cristãos e candidatos aos cargos de liderança na igreja atual, os “teólogos são mais relevantes do que nunca em uma era que perdeu a sabedoria num mar de conhecimento e o conhecimento num mar de informações” (Vanhoozer, 2015, p.99).

Ao aprofundar a problemática, Vanhoozer (2015) ainda alega que, de forma gradual, é possível conhecer mais e mais de partes proporcionalmente menores da atualidade. Moisés, ainda em tempos bíblicos, apresentava conclusão semelhante ao ver a grande probabilidade do povo se perder e, assim, pediu um líder a Deus (Wiersbe, 2006).

Por conta disso, a orientação através da figura de um líder inibe “a miopia espiritual [que] tende a distorcer minha visão” (Erwin, 2005, p.34). Em outras palavras, lançando mão do mesmo autor, uma ideia, teologia, filosofia ou sugestão só se torna problemática quando é colocada em prática na própria vida (Erwin, 2005), levando a desvios e práticas contrárias.

Ou seja, a quantidade de tarefas pode, por exemplo, levar o líder a tomar decisões que não serão satisfatórias, pois “só o fato de estarmos fazendo mais não implica automaticamente que estamos alcançando sucesso e realizando a nossa missão” (Maxwell, 1999, p.190). A atividade, tão somente, não é sinônimo de conquista ou realização (Maxwell, 1999).

Por fim, mas não menos importante, reconhecer que o líder é necessário é também assumir que “liderar pessoas pode suscitar o que há de melhor ou de pior em alguém, pois o poder é algo facilmente corruptível” (De Souza, 2021, p.208). Dito de outra forma, a gestão dos processos, por seu caráter espiritual, implica em uma exigência específica e desafiadora (De Souza, 2021).

Para que essa exigência seja alcançada, as palavras do próprio Dave Earley – sobre Efésios 4.11,12 – contribuem na elucidação, pois

Cristo deu à Igreja PASTORES. Para quê? Para que eles APERFEIÇOEM OS SANTOS. Para quê? Para que os SANTOS FAÇAM A OBRA DO MINISTÉRIO. Para quê? Para que o CORPO CRESÇA. (2018, p.112)

E o autor ainda completa que as pessoas não aprenderam corretamente quem elas são, ou seja, não sabem que são santos (Earley, 2018). Diante desta realidade, o líder assume, claramente, mais uma função: a de ensinar.

1.2 O LÍDER MESTRE

Este trecho começa com a seguinte afirmação: “O melhor rei de Israel, Davi, tinha sido um menino pastor” (Earley, 2018, p.137). E um bom complemento para esta ideia é de que a maturidade só pode ser alcançada com serviço (Earley, 2018).

A partir dessa verdade, Cordeiro, em seu livro Mentores segundo o coração de Deus, acalma a ansiedade de muitos ao afirmar que “ninguém possui as qualidades necessárias quando começa!” (2008, p.31). Porém, outra grande afirmação que precisa ser registrada é o compromisso do líder em buscar o desenvolvimento e ampliação de suas respectivas capacidades para ratificar suas competências (Conceição, 2013).

Dessa forma, o instrumento que Deus usa para preparar, conduzir e aperfeiçoar é o próprio discipulador (Arantes, 2016). Do relato de Números 27, Wiersbe diz que

não foi motivo de surpresa Josué ter sido escolhido por Deus para tomar o lugar de Moisés, uma vez que Josué havia trabalhado junto com Moisés desde que a nação havia deixado o Egito. (2006, p.475)

Além do livro de Números, os registros encontrados em Êxodo e Deuteronômio também comprovam a proximidade de Josué e Moisés, em textos como:

- Êxodo 24.13: *Levantou-se Moisés com Josué, seu servidor; e, subindo Moisés ao monte de Deus,*
- Êxodo 32.17: *Ouvindo Josué a voz do povo que gritava, disse a Moisés: há alarido de guerra no arraial.*
- Números 13.16: *São eles os nomes dos homens que Moisés enviou a espiar aquela terra; e a Oséias, filho de Num, Moisés chamou Josué.*
- Deuteronômio 31.07: *Chamou Moisés a Josué e lhe disse na presença de todo o Israel: Sé forte e corajoso; porque, com este povo, entrarás na terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a teus pais; e tu os farás herdá-la.*

Por esses e tantos outros textos, é possível confirmar que Josué e Moisés andaram próximos, como um mestre e um discípulo, pois “falar sobre relacionamento na vida discipular implica diretamente ajustes em nossa agenda” (Arantes, 2016, p.32). E o autor ainda completa que a agenda revela o que, realmente, deve ser valorizado (Arantes, 2016).

Esse tipo de relacionamento tem uma intenção clara: formar discípulos por meio de um convívio pessoal (Arantes, 2016). Para sair da superficialidade, Caliguirre (2004, p.39) defende que “mentores são como guias. Eles não necessariamente dizem o que fariam se estivessem no seu lugar, mas ajudam-no a descobrir o que você deve fazer”.

O autor ainda segue seu raciocínio ao apontar a diferença animadora que há em saber que não se está sozinho no processo de aprendizagem (Caliguirre, 2004). Em suas palavras

o compromisso de ser perguntado “como está indo?” pode impedi-lo de estagnar, assim, como também pode permitir que a sua própria febre de empreendedor transfira-o para a grandiosa ideia seguinte, antes que você conquiste terreno suficiente para a grande ideia presente. (Caliguirre, 2004, p.87)

Fazer com que haja essa realidade não é uma tarefa fácil, pois é possível ver o abandono de alguns ao não se sentirem cuidados (Earley, 2024). Na contramão disso, o líder precisa “aprender a usar os poucos minutos durante o seu contato semanal para obter o máximo de benefício” (Earley, 2024, p.52) nesse tipo de relacionamento, além de ter o cuidado para não colocar o liderado em uma espécie de interrogatório (Earley, 2024).

Para que esse relacionamento seja saudável e cumpra com seu objetivo principal, Vanhoozer (2015) aponta que a doutrina fundamental parte do próprio Deus e inclui as pessoas como agentes. Em suas palavras, “o propósito das Escrituras como palavra de Deus é nos convidar e nos orientar a vivermos em um relacionamento correto com Deus.” (Vanhoozer, 2015, p.49).

Seguindo a lógica de que a doutrina vem de Deus e o Seu ensino gira em torno de aproximar-se de Deus, é ressaltado que o líder deve contribuir para o crescimento das pessoas e não apenas entretê-las (Vanhoozer, 2015). A própria liderança necessita apontar o caminho em meio a tantas possibilidades que aparecem, uma vez que as pessoas ficam confusas perante a existência de desafios maiores (Stott, 2011).

Para que não haja tal confusão, Stott orienta sobre não ser flexível o tempo todo e para com todo e qualquer lugar, inclusive, a depender do contexto, “devemos nos opor de forma visível ao ambiente em que estamos” (2011. p.21). Essa exigência escancara a necessidade de conhecer a Palavra de Deus para que se tenha a orientação adequada, sobretudo, no que diz respeito ao crescimento espiritual (Stott, 2011).

Sendo assim, o líder cristão precisa, de forma urgente e constante, reconhecer a verdadeira importância da Palavra de Deus nas Escrituras (Piper, 2022). O autor ainda traz uma necessária exortação, visto que, a Bíblia, como revelação de Deus, exerce influência e convicção, visto que, “líderes que são espirituais não reúnem seguidores com calor, ondas ou palavras quentes, mas com frases nítidas, sólidas e convincentes”. (Piper, 2022, p.37).

Essas características são encontradas na Palavra de Deus e o líder, já citado que aponta para o Senhor, deve manter em mente que não precisa usar força, mas serve aos outros com amor (Scholl, 2016). De acordo com Arantes, “o discipulador precisa olhar para as pessoas com um olhar de compaixão” (2016, 45).

Caso não o faça, dificilmente conseguirá estabelecer um vínculo com o grupo, pois naturalmente, os pensamentos já estarão ocupados com conquistas pessoais (Chan, 2009). Por conta disso, Cordeiro reforça que devemos considerar “a graça de Deus!” (2008, p.40).

A própria graça de Deus apresenta maravilhosas promessas, a verdadeira sabedoria e as orientações divinas, tudo isso através da Bíblia, sendo “indispensável para nossa vida diária” (Cordeiro, 2008, p.48). Sem muitas ponderações, a Bíblia, sendo a Palavra de Deus, é suficiente (Earley, 2018).

A partir dessa suficiência da Bíblia, Earley relata sobre a utilidade da Palavra, uma vez que “é o meio pelo qual as pessoas são direcionadas para a vida de justiça” (2018, p.77). E ainda complementa ao apontar que, conforme as pessoas forem aprendendo e aplicando, haverá unidade e encaixe nas tarefas que Deus tem para cada uma delas (Earley, 2018).

Essa é a realidade e o objetivo de um líder cristão;

o papel dos pastores e mestres não é fazer o ministério. Deixe-me dizer isso novamente: o papel dos pastores e mestres não é fazer o ministério. O papel dos pastores e mestres é APERFEIÇOAR OS SANTOS para a obra do ministério. (Earley, 2018, p.112)

O líder que ensina precisa ter em mente que deve ensinar a Palavra de Deus, pois, nas palavras de Jonas Madureira “é sujeitar-se a Jesus, ao seu senhorio, à sua Palavra, ao seu ensino” (2019, p.46), uma vez que o próprio discipulado, visando seguir a Jesus, é uma decisão (Madureira, 2019).

Como consequência, adotar um processo contrário ao que a Bíblia afirma é certeza de um ministério ineficaz (Earley, 2018). O líder que não se permite aprender de Deus pela Palavra de Deus, é aquele que se recusa a acreditar, ou ignora o fato de que “Deus é um Deus verbal” (Earley, 2018, p.85).

Ao prezar pela Palavra de Deus, o líder que ensina deve, também, reconhecer que “multiplicar líderes é um processo aparentemente pequeno, lento e desvalorizado” (Earley, 2018, p.128). Parece pequeno porque nem sempre tem espaço para todo mundo e, enquanto não há serviço, as pessoas não se desenvolvem como deveriam (Earley, 2018). Parece lento porque pouquíssimas pessoas absorvem tudo que é passado (Cordeiro, 2008). E parece desvalorizado porque é necessário investir no preparo, mas, “se o líder não priorizar a preparação, os membros não priorizarão a participação.” (Earley, 2024, p.60).

Ainda falando sobre preparo, Earley (2024) vai esmiuçar que o resultado a longo prazo e a eficácia no líder da próxima geração será de acordo com a preparação do líder atual. Isso confirma a necessidade de manter o foco e canalizar as energias específicas de acordo com as metas estipuladas para não tropeçar nos obstáculos, e assim, perseverar com o sonho (Earley, 2024).

Um dos obstáculos que o líder pode enfrentar é quando as ovelhas vagam em todas as direções erradas (Earley, 2024). Para que isso diminua, o contato regular com elas e a busca em conhecê-las o máximo possível são posturas indicadas, pois “entrar em contato diz que você se importa” (Earley, 2024, p.52).

Ao se importar com o grupo, o líder demonstrará uma característica coerente com o chamado divino que recebeu, pois o “projeto de Cristo não é crescimento numérico e econômico de uma instituição, mas reconciliar as pessoas com Deus” (De Souza, 2021, p.209). O líder que ensina precisa se relacionar e, assim, as pessoas reconhecerão o valor deste relacionamento a partir do tempo que lhe é atribuído (Earley, 2024).

O valor atribuído é outro obstáculo na vida do líder, pois em vários e variados momentos e situações “ressignificamos com a finalidade única de favorecer objetivos pessoais” (Madureira, 2019, p.36). Contudo, o líder cristão, assumindo a liderança servil, compreende que o interesse pessoal não o coloca como prioridade, mas, sim, o outro (Erwin, 2005).

Essa prioridade é possível ver em Moisés (Wiersbe, 2006). O autor ainda vai dizer que nas semanas posteriores ao anúncio de Deus sobre a morte de seu servo, Moisés vai transmitindo mais responsabilidades a Josué de forma gradual tanto para que ele, Josué, quanto para que o povo o

respeitasse como novo líder (Wiersbe, 2006). Mais uma vez vemos a importância da Palavra de Deus e do relacionamento.

Assim, ao conversar com Moisés, Deus se apresenta nas palavras que ele entenderia e com uma mensagem que o povo entenderia (Vanhoozer, 2015). Este mesmo autor defende que a Bíblia se apresenta como um dos principais meios, usados por Deus, para revelar à Sua criação a Sua vontade, pois

as Escrituras não são um livro-texto com dados divinamente revelados com base nos quais os teólogos científicos desenvolvem o trabalho de elaboração de doutrinas. Na verdade, elas são a iniciativa amorosa de Deus de dar vida e luz a criaturas humanas que tropeçam na escuridão do pecado e da morte: é a apresentação de Jesus Cristo por Deus. (Vanhoozer, 2015, p.56)

Na história de Moisés, ele mesmo passa as informações à Josué, visto que, Moisés recebeu do próprio Deus, até porque “Só Deus pode tornar Deus conhecido” (Vanhoozer, 2015, p.57). Por outro lado, nos dias de hoje, a Bíblia é este veículo que se ouve a voz de Deus, além de que é nela que se confirma que Deus estabelece verbalmente Suas alianças com o Seu povo (Vanhoozer, 2015).

Esse ensinamento de Moisés para Josué ficou tão fixado em sua trajetória que no livro bíblico que leva o nome deste, a orientação inicial é

6. Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais. 7. Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares. 8. Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido. (Josué 1.6-8)

Essa lição é fruto da experiência de Moisés enquanto esteve no deserto e, a conclusão é que “se seres humanos pecadores forem deixados à própria sorte, suas palavras não transmitirão a Palavra de Deus” (Vanhoozer, 2015, p.47). Deus faz questão de ser um agente comunicador e o desafio da humanidade é distinguir e estabelecer a transcendência e a imanência deste Deus (Vanhoozer, 2015).

Quando se fala dessa proximidade, o assunto sobre relacionamento ainda é trabalhado, pois “Jesus tinha muitos seguidores. Mas será que todos os seus seguidores eram realmente seus discípulos?” (Madureira, 2019, p.32). O autor ainda aponta que muitos se aproximam como curioso, mas a curiosidade não é suficiente para ser líder (Madureira, 2019).

Descartando essa característica, concorda-se com Maxwell (1999) quando ele afirma que o preparo é visto na disciplina e consistência do candidato. Earley (2018) acusa o líder de tomar conta de tudo, menos do que é importante. Segundo suas palavras “quantas vezes, no ministério, o que é urgente se torna inimigo do primordial!” (Earley, 2018, p.11).

O líder que ensina compreende que a mentoria do candidato à liderança coopera em sua formação, além de contribuir com o avanço da vontade de Deus (Earley, 2024). Mentorear o discípulo é dar o alimento àquele que está faminto e ansioso por ouvir (Cordeiro, 2008). Jesus não usava salas de aula fechadas, mas discipulou enquanto caminhava, em meio às situações do cotidiano (Arantes, 2016).

Esse discípulo desejoso por aprender, por mais habilidades e conhecimento que tenha, não pode ser considerado como alguém que já está pronto, no sentido de não precisar se desenvolver mais (Arantes, 2016). De acordo com Chan (2009, p.93) “muita gente acredita que tem tanto de Deus quanto precisa neste momento – uma porção razoável de Deus entre todas as outras coisas da vida”.

O líder não pode cometer o erro de achar que não deve ensinar, pois, segundo Earley

o plano de Deus para a sua vida pode não ser o de pastorear uma megagreja [...] O plano de Deus para você é que você invista tudo o que Ele lhe deu em alguns homens fiéis com o propósito de que eles também invistam em outros. (2018, p.136)

Seguindo essa lógica, aprender e elaborar novas lições para que sejam transmitidas (Earley, 2018) faz parte da rotina do líder. Sempre haverá algo novo para viver, aprender e ensinar, pois “o fato da Palavra ser ‘imortal’ não significa que ela não possa ser mal interpretada.” (Cordeiro, 2008, p.191).

Assim, a verdadeira interpretação está baseada na voz do Pastor que capacita para que haja discernimento para saber o que é verdade e luz, em detrimento da mentira e da escuridão (Cordeiro, 2008). O relacionamento, mais uma vez, torna-se relevante por integrar o discípulo nas atividades, além de facilitar que ele “se desenvolva espiritualmente” (Arantes, 2016, p.43).

Ou seja, o líder que ensina as Sagradas Escrituras aos seus liderados, por meio de relacionamentos, aponta para a santidade e deseja que esta “seja fruto do agir da Palavra de Deus na vida de cada um deles” (Arantes, 2016, p.67). Uma vez que se trata de uma missão espiritual, Earley (2018) e De Souza (2021), concordam que a ferramenta e o instrumento também sejam espirituais, pois não se deve subestimar “uma mensagem dada por Deus” (Earley, 2018, p.85).

Tal missão espiritual é assim denominada, pois de acordo com Números 11, o próprio Deus ordenou a Moisés que fosse feito dessa maneira, conforme a orientação de Deus. Nas palavras de De Souza “isso exige, de quem lidera, plena consciência da sua vocação, de suas atribuições e domínio das ferramentas de gestão” (2021, p.205).

Para esclarecer a missão, Números 11 traz o seguinte diálogo

16. Disse o SENHOR a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem anciãos e superintendentes do povo; e os traráis perante a tenda da congregação, para que assistam ali contigo. 17. Então, descerei e ali falarei contigo; tirarei do Espírito que está

sobre ti e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que não a leves tu somente.

A partir dessa ordem, é possível observar que Moisés tinha o Espírito de Deus e, como consequência, seu sucessor também deveria ter o Espírito, pois quando se fala de relacionamento entre líder e liderado “não se resume a transmitir ensinamentos teóricos da vida cristã” (Arantes, 2016, p.122).

Concluindo, o líder cristão que ensina passa conhecimentos através de relacionamentos e mostra, por meio de sua vida, como colocá-los em prática, pois a liderança que a Bíblia apresenta exige que os conceitos sejam praticados e vividos de acordo com o fundamento estabelecido (De Souza, 2021).

1.3 O LÍDER QUE É MODELO

Na história de Moisés, verifica-se que seus ensinamentos não foram só teóricos, foram praticados e vividos em sua vida, pois “a forma mais efetiva de liderança cristã é a liderança fundamentada no exemplo” (Erwin, 2005, p.64). O autor ainda complementa que o ensino é uma orientação feita na prática (Erwin, 2005).

Através desse olhar, Stott (2011) defende que vida e estilo de vida são inseparáveis, são ideias que, obrigatoriamente, andam juntas e se, portanto, a vida do líder é transmitir a mensagem, seu estilo de vida, sem reservas, precisa caminhar na mesma direção, “não podendo, separar-se uma da outra” (Stott, 2011, p.56). Scholl (2016) confirma que a liderança envolve crescimento com as pessoas, ou seja, não é algo isolado.

Por conta disso, conforme o relato bíblico, Moisés não foi líder desde o seu nascimento, ele foi chamado e desenvolveu sua vocação, pois o conjunto de habilidades para a liderança pode ser apreendido e aperfeiçoado (Maxwell, 1999). É bem provável que nem todas as habilidades são exclusivas do povo de Deus, mas com o Espírito Santo guiando, “cada uma dessas qualidades é aproveitada e transformada para os propósitos de Deus” (Piper, 2022, p.25, 26).

Ou seja, ainda nas palavras de Piper

não é mera força de vontade. É apropriar-se do poder de Deus para dominar nossas emoções e nossos apetites que podem nos desviar ou fazer com que ocupemos nosso tempo com esforços infrutíferos. (2022, p.30)

Sendo assim, o líder cristão não desperdiça sua vida com lazer (Piper, 2022) e não é seduzido por atalhos que prometem conquistas fáceis (Maxwell, 1999). Um dos perigos na liderança é quando o candidato “obviamente assume o protagonismo, mas nem sempre lê o roteiro” (De Souza, 2021, p.205).

Moisés mesmo caiu nesse erro, exemplificando o fato, em um determinado momento, pois “[...] quando o povo clamou por ajuda, Moisés esqueceu-se de tudo o que havia aprendido e tentou suprir as necessidades do povo sozinho” (Earley, 2018, p.15). E o autor ainda complementa que Moisés não precisaria ser pastor-solo ao longo de sua trajetória (Earley, 2018).

O tipo de modelo que Moisés oferece nessa situação é aquele que não deve ser seguido, entretanto, “não é o fim do mundo quando você não consegue fazer tudo sozinho” (Caliguirre, 2004, p.133). Estar na liderança flerta com a ideia de não pedir indicação e permanecer perdido na teimosia (Caliguirre, 2004).

Ao aprofundar nessa temática, Caliguirre (2004) lamenta o fato de muitos líderes se desgastarem por não solicitarem auxílio, antes, acredita que ele mesmo é capaz de fazer tudo. Sem ajuda externa, o líder encontra-se sozinho na luta “para manter vivo o pequeno rebanho idoso” (Earley, 2018, p.15).

Porém, uma das características que Moisés possui e deve ser vista como modelo para os líderes é a sua humildade, pois é necessário não se envaidecer diante do cargo de liderança como o clero, por exemplo, que se vê como um corpo de elite privilegiado (Erwin, 2005). Na verdade, nas palavras de Erwin,

humildade não se refere a uma abordagem desprezível da vida. Humildade refere-se simplesmente a enxergar como realmente somos, nem mais alto, nem mais baixo. Significa ser honesto sobre si mesmo, olhar-se de frente. [...] A humildade escolhe ser real, verdadeira, não esconder nada. (2005, p.69, 71)

Dentro da história de Moisés, mais especificamente em Êxodo 18, é possível observar o conselho de Jetro. Moisés colocava-se à disposição de todo o povo para auxiliá-los em suas respectivas demandas e Jetro orienta a preparar outros para que estes consigam resolver as solicitações menores. Moisés ouviu, atendeu e colocou em prática a sugestão.

Essa atitude de Moisés, dentro desse contexto, como o líder que é modelo, reforça que a “educação é o que chamamos de processo de transmissão de conhecimento e valores e de modelar o comportamento” (Erwin, 2005, p.66). Por outro lado, esse mesmo tipo de conduta serve como parâmetro para o próximo líder, pois ao falar sobre transmissão, é necessário salientar que dificilmente alguém colocará em prática aquilo que nunca viu ou ouviu (Erwin, 2005).

Partindo desse pressuposto, o líder cristão deve reconhecer que tanto a fé quanto o ensino da fé precisam estar evidentes em sua vida (Erwin, 2005), uma vez que “crer em algo é sustentar uma doutrina” (Vanhoozer, 2015, p.92). Por assim dizer, a santidade exige uma postura distinta dentro do contexto em que o indivíduo se encontra (Stott, 2011).

Essa distinção é fruto do relacionamento com o Deus Criador que “não fala inutilmente para o ar, mas, sim, eficazmente a corações e mentes humanos” (Vanhoozer, 2015, p.81). Vale destacar a fala de Stott, em seu livro *O discípulo radical*

o problema é que não emergimos do novo nascimento com o entendimento e o caráter de um cristão maduro, nem com asas angelicais totalmente desenvolvidas (!), mas, em vez disso, ‘como crianças recém-nascidas’ – fracas, imaturas, vulneráveis e, acima de tudo, precisando crescer.” (2011, p.73)

Moisés apresenta essa realidade da condição humana e, de acordo com Earley (2018), a prioridade é orar. A oração é o fator determinante, a intercessão é vista em alguns episódios da vida de Moisés e a sua atuação foi confirmar que a “dependência ativa do Espírito de Deus é expressa pela fé e pela oração” (Earley, 2018, p. 85).

Assumindo a dependência, Arantes fomenta que “nenhum discipulador conseguirá conduzir um discípulo a uma intimidade com Deus além daquele que ele, discipulador, já experimentou” (2016, p.27). Ou seja, o líder fala do que viveu, baseado em suas próprias experiências (Arantes, 2016).

Essa condição é chocante, pois, “na verdade, geralmente nós consideramos muito independentes e capazes” (Chan, 2009, p.85). Em outras palavras, não é vantajoso depender de alguém, visto que o vínculo com o mundo secular, conquistas pessoais e sonhos demonstram a incapacidade de seguir a Jesus (Madureira, 2019). De acordo com o autor, o que impossibilita e impede a dependência é que, se referindo a líderes atuais, “eles não querem ser exemplos, nem padrão para quem quer seja. Ambicionam apenas chegar ao poder e ao sucesso [...]” (Madureira, 2019, p.62).

Para evitar esse pensamento, Moisés é o modelo que reconhece que no meio do povo de Deus, aquele que está à frente deve ser o representante de como Deus espera que seus seguidores vivam, o líder mostra “como a batalha é vencida” (Erwin, 2005, p.64). Um belo exemplo dessa realidade, o melhor exemplo, diga-se de passagem, é Jesus Cristo que ao faltar quem lavasse os pés, colocou-se à disposição e lavou os pés de seus discípulos (Scholl, 2016, p.127).

Essas referências bíblicas demonstram que o líder tem uma missão e importa que sejam constantes nela (Maxwell, 1999), pois “diz um ditado antigo: os campeões não se tornam campeões no ringue – ali são meramente reconhecidos” (Maxwell, 1999, p.48). Usando as palavras de Jonas Madureira, o líder bíblico tem um padrão a seguir, visto que

a verdadeira igreja não é uma multidão que simplesmente segue Jesus, mas a reunião de todos aqueles que seguem Jesus nos termos de Jesus, ou seja, é a assembleia daqueles que se recusam a seguir Jesus do próprio jeito, meramente como curiosos, retendo apenas o que lhes agrada e descartando tudo mais. (2019, p.35)

E o autor ainda completa que não há necessidade e nem espaço para alguém ser original (Madureira, 2019). O padrão bíblico revela que os seres humanos estão errados e isso, de acordo com Maxwell (1999), é deveras positivo, pois quando se sabe que não estão certos, existe a possibilidade de buscar aperfeiçoamento.

Esse processo de aprendizagem é vantajoso e precioso ao líder que deseja ser bem-sucedido (Maxwell, 1999). Aprender sobre Deus por meio d'Ele mesmo é concordar que Deus ainda se faz presente nos dias de hoje, contrariando a ideia de o Criador ter abandonado a Sua criação (Vanhoozer, 2015).

Por outro lado, também, “é mais fácil ser enganado e levado a adorar o que não é Deus quando não há um conhecimento adequado sobre Ele” (Vanhoozer, 2015, p.15). O resultado glorioso de um líder é poder saber e transmitir, tendo recebido de Deus, ao seu discípulo, que “agora sabemos orar. Agora sabemos como amar. Agora conhecemos a fonte do poder. Agora sabemos como usar o poder” (Erwin, 2005, p.130).

Tendo então aprendido, poderá ensinar, pois auxiliar alguém a ser um líder pressupõe o fato de ser um, visto que, seguindo a lógica, “quem não segue a Jesus não pode ajudar pessoas a seguirem a Jesus” (Madureira, 2019, p.25). Atualmente, os crentes podem ler a Bíblia e servir a Deus por si mesmos (Earley, 2018), entretanto, se eles não forem bem-preparados, sem o modelo, eles perderão o que tinham guardado em seus corações (Cordeiro, 2008).

Esse preparo é visto na história de Moisés, desde Êxodo até Deuteronômio, da sua chamada até sua morte e, pela experiência, ele “realmente crê que Deus pode fazer coisas maiores, mais rapidamente e melhores do que você” (Earley, 2018, p.30), por isso, ele orava. E o autor ainda diz que se o líder pudesse fazer tão somente um movimento, a oração deveria ser a prática escolhida (Earley, 2024).

Através deste movimento, Deus é convidado a trabalhar na vida das pessoas, além de melhorar todos os demais passos da liderança (Earley, 2024). O líder eficaz sabe a importância de se preparar com oração e ir até à Bíblia para ouvir as palavras que Deus inspirou (Cordeiro, 2008).

A importância citada acima revela o modelo de liderança deixada por Moisés sobre o povo, “porque eles conheciam, por experiência própria, o poder e a verdade da Palavra” (Cordeiro, 2008, p.186). A Palavra de Deus está lá, bem como a sua inesgotável sabedoria (Cordeiro, 2008).

Sendo assim, a Palavra de Deus está disponível aos candidatos à liderança, contudo, há uma tendência muito forte em levar a atenção àquilo que não se tem (Chan, 2009). Deus não chama o povo para algo que Ele não pode suprir, o conteúdo essencial de todo preparo é conhecer Jesus intimamente para que seja compartilhado (Arantes, 2016).

Essa missão estabelecida deixa claro que o líder deve ser um modelo, porém

muitas vezes o discipulador pode cair no erro de achar que está mudando a vida das pessoas. Pode começar a acreditar que o discípulo depende dele. Mas nada disso é verdade. É Jesus quem transforma as pessoas e é dele que o discípulo precisa depender [...] A função do discipulador é tanto no ensino como no testemunho, fazer com que o discípulo deseje aproximar-se mais e mais de Jesus Cristo, pois Ele, e não o discipulador, é o modelo a ser imitado. (Arantes, 2024, p.24, 26)

A citação acima resume que o líder é necessário para auxiliar o discípulo na vida cristã. O líder transmite as verdades da Palavra de Deus para o crescimento do novo convertido. E, por fim, o líder precisa viver o que ele prega, ou seja, tudo o que faz, aponta para Deus.

Portanto, este capítulo apresentou um líder que ouve de Deus que precisa preparar o seu sucessor para que a missão continue e, ao ensinar o próximo, reconhece a necessidade de manter-se como padrão, visto que “o líder [...] sabe o valor de dedicar tempo para investir em seu crescimento pessoal” (Earley, 2024, p.97).

O próximo capítulo abordará, com mais ênfase e profundidade como Moisés foi um modelo, assumindo que não conseguiria liderar o povo de Deus sem a presença divina com eles, corroborando com sua dependência e submissão ao Senhor da Missão.

Capítulo 2 A PRESENÇA MOTIVADORA DE DEUS

INTRODUÇÃO

O Antigo Testamento é repleto de promessas. Várias e variadas falas de Deus geram expectativa no profeta, rei, sacerdote ou em alguma figura envolvida na história. Nos primeiros cinco livros da Bíblia, observa-se o desejo da nação em ver, com os próprios olhos, a Terra Prometida. Moisés tinha o mesmo anseio, porém, semelhantemente, esperava o cumprimento de outra promessa. De acordo com Êxodo 33, tem-se o seguinte diálogo

12. Disse Moisés ao SENHOR: Tu me dizes: Faze subir este povo, porém não me deste saber quem hás de enviar comigo; contudo, disseste: Conheço-te pelo teu nome; também achaste graça aos meus olhos. 13. Agora, pois, se achei graça aos teus olhos, rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça e ache graça aos teus olhos; e considera que esta nação é teu povo. 14. Respondeu-lhe: A minha presença irá contigo, e eu te darei descanso. 15. Então, lhe disse Moisés: Se a tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar. Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o teu povo, de todos os povos da terra?

Ao olhar para essa períclope, é válido pensar que Moisés aspira pela segurança garantida da presença de Deus no meio de Seu povo. Erwin (2005) cita que a preocupação por algo seguro realmente existe, todavia, busca-se em realizações pessoais ou adquirindo riquezas.

Era assim desde os tempos mosaicos e, para que isso não tomasse proporções maiores no meio de Israel, “podemos encontrar com certa frequência Deus prometendo a si mesmo e a sua presença” (Martins, 2022, p.26). Em outras palavras, desde o início, o próprio Deus acompanha e motiva o Seu povo na obra que Ele ordena (Martins, 2022).

Quando essa motivação divina é ignorada, Nouwen vai afirmar que, provavelmente, “por trás de todas as grandes realizações do nosso tempo, há uma profunda correnteza de desespero.” (2018, p.20). Dito de outra forma, o líder cristão não deve ser atraído por almejar tão somente as conquistas humanas, pois há prêmios e benefícios imensuráveis em Deus (Shedd, 2000).

Dessa forma, Moisés demonstra que valoriza a proximidade com Deus, ao ponto de pedir para vê-lo, desejando, de forma enfática, a companhia divina (Martins, 2022). Nas palavras de Cole, “Moisés percebe, corretamente, que aqui jaz a característica principal de Israel, no fato da presença de Deus em seu meio” (1981, p.218).

Sendo assim, Conceição (2013) defende que a liderança cristã, alicerçada em aspectos cristãos, deve ser pautada em bases vindas do próprio Deus, ou seja, tais líderes devem compreender que não se trata de uma aparição esporádica do Senhor, mas a “presença [...] tinha uma função ainda superior, era o que distinguia aquele povo de todos os outros na face da terra” (Cordeiro, 2008, p.224).

Essa distinção, como resultado da presença constante de Deus, revela que o líder cristão pode contar com equipamentos, linguagem, programas ou qualquer outro instrumento, e mesmo assim, não será suficiente para mostrar a sua diferença, quando comparado a outros líderes (Cordeiro, 2008).

Nessa lógica, Nouwen (2018) confessa que sua experiência provou ser de pouco valor e, acrescenta que, a incapacidade em usar suas habilidades adquiridas é uma grande fonte de ansiedade. Por outro lado, o que traz alívio é que “Deus ordena, Deus comanda, mas Deus se faz presente” (Martins, 2022, p.28).

Portanto, a grande promessa no Antigo Testamento, e, especificamente, na história de Moisés, é a presença do próprio Deus (Martins, 2022). E esta promessa, almejada pelo líder Moisés, “consola, incentiva e empodera” (Martins, 2022, p.35).

2.1 A PRESENÇA PROMETIDA

Em seu livro Cristo habita em ministérios fracassados, Martins parte da premissa de que “a grande promessa aqui é a promessa da presença” (2022, p.34). O líder cristão deve valorizar a companhia do Senhor, pois “Cristo está conosco!” (Martins, 2022, p.34).

Essa valorização permite que Jesus seja visto, seja reparado, mesmo que o mundo não tenha dado tanta atenção (Nouwen, 2018). E quando Jesus é visto, automaticamente, a confissão é inevitável, pois “não somos Deus” (Erwin, 2005, p.53).

Tal certeza pode abalar o líder que almeja ser usado pelo Senhor, porém, é a própria presença d’Ele que fortalece (Martins, 2022). Ou seja

é quando confiamos na promessa da presença que demonstramos a verdadeira fé no Senhor, de forma que, se Deus apenas nos chamasse para a obra, deixando a nossa esperança duvidosa, todo o nosso zelo, sem dúvida alguma, desvaneceria (Martins, 2022, p.33)

A própria promessa da presença é o que permite o cumprimento da missão, visto que a mão do Senhor repousa em Seus seguidores e os diferencia (Cordeiro, 2008). O autor ainda admite que “meu maior medo é perder a mão de Deus sobre a minha vida” (Cordeiro, 2008, p.225).

É comum esperar essa ação de Deus apenas em momentos de decisão, porém, a presença, sendo redundante, faz-se presente “nas questões ordinárias, mas também nas excepcionais” (De Souza, 2021, p.206). Martins (2022) vai além ao apontar que os carros e sua tecnologia, os cavalos e sua força, as espadas ou armas usadas nas guerras relatadas na Bíblia não eram o que garantiam a vitória; era tão somente a presença de Deus.

Ainda dentro das páginas das Sagradas Escrituras, especificamente, nos primeiros capítulos de Gênesis, “já no começo de tudo, temos o relato da criação com um Deus que se faz presente através da figura humana, como imagem e semelhança que exercem governo e domínio” (Martins, 2022,

p.24). Essa presença necessita ficar clara no coração dos líderes, pois sem ela, eles ficarão ocupados em coisas sem utilidades (Nouwen, 2018).

É a presença de Deus, então, que faz a diferença, visto que, quando manifesta na humanidade caída, evidencia a existência de alguém gloriosamente confiável (Piper, 2022). Em outras palavras, o líder bíblico, piedoso, precisa ter confiança, “não em si mesmo, mas naquele que é totalmente confiável: Deus” (Shedd, 2000, p.18).

A confiança citada aponta para uma necessidade, pois a liderança humana é essencial, visto que, ela faz muita diferença (Shedd, 2000). Todavia, Shedd (2000) ainda aponta que sem princípios, ou seja, sem a presença de Deus, o líder cristão pode ser comparado a um navio sem bússola.

Ainda citando Shedd, vale a pena destacar que, embora haja uma diferença entre o contexto bíblico e o atual, através da experiência de Moisés, é preciso ressaltar, objetiva e enfaticamente que “os princípios e verdades que governaram suas ações e atitudes, ainda podem ser mantidas como verdadeiras para os dias de hoje” (2000, p.27). Por isso, o pedido de Moisés pela presença de Deus ganha novos contornos atualmente, pois ela é a garantia suficiente para ter paz no decorrer da missão (Martins, 2022).

Diante dessa convicção, os padrões de segurança e expectativas estipulados podem não ser alcançados, humanamente falando, pois, “a presença de Cristo não se manifesta para que possamos curtir-la, nem para que experimentemos algo físico” (Martins, 2022, p.66). Mas, segundo Sammy Tippit (2019), Moisés nunca mais foi o mesmo após ter um encontro com Deus.

Enquanto muitos líderes preenchem suas agendas com diversas atividades, buscando a satisfação, o mesmo autor garante que “existe completa felicidade quando nos achamos na presença de Deus” (Tippit, 2019, p.37). E ainda acrescenta que para servi-lo de forma eficaz e adequada, é necessário desfrutar da comunhão diariamente (Tippit, 2019).

Em contrapartida, muitos cristãos, inclusive líderes, vivem trabalhando para Deus sem investir tempo com Ele (TIPPIT, 2019). Dito de outra forma, “viver sem esperar no Senhor é abraçar o humanismo e embrulhá-lo com ornamentos cristãos” (TIPPIT, 2019, p.38).

Para que isso não ocorra, o líder piedoso deve firmar a sua visão e se desfazer de tudo o que pode contribuir para um possível desvio (Shedd, 2000). Ou seja, se há otimismo por parte do líder, este deve ter em mente que não é algo motivado em si mesmo, visto que, “os líderes espirituais são otimistas não porque o homem é bom, mas porque Deus está no controle” (Piper, 2022, p.27).

Outra característica do líder é o caminho distinto ao da ascensão, tão ansiada pelo mundo (Nouwen, 2018). O que satisfaz, não é a conquista, é a imagem do Deus invisível em Jesus, diariamente (Martins, 2022). Agora ele é presente, Jesus, o verbo que habitou com os homens, “não somente nas batalhas militares, não simplesmente como o quarto homem na fornalha, não diante das mensagens proféticas que não eram ouvidas” (Martins, 2022, p.38).

A satisfação está na companhia, para ser mais profundo, o líder tem a presença daquele que criou Terra e céus com a Sua voz e agora, esta voz, conversa com ele (Martins, 2022). Ao não sentir a presença divina, a hipótese é de que Deus encontra-se longe (Martins, 2022), todavia, uma das razões é que a atitude dos escribas e fariseus são repetidas hoje em dia, pois eles conheciam as promessas do Antigo Testamento, tinham respostas teologicamente adequadas, mas, “continuam no palácio, porque estar próximo do poder é maravilhoso” (Martins, 2022, p.51).

Para o líder cristão, o poder não é o mais importante, na verdade, o diferencial, é estar “confiante na presença de um Deus que guia” (Martins, 2022, p.27). Ao guiar, Deus permite que, inclusive, os sonhos e visões dos líderes sejam usados para conduzir o líder pelas situações boas e ruins que encontrará na caminhada (Cordeiro, 2008).

O que impede a presença de Deus é o pecado, pois, “com o pecado, Deus se afasta” (Martins, 2022, p.25). Esse erro tirou do ser humano o contato direto com a luz e, por isso, há trevas e escuridão (Martins, 2022).

Esse desvio tende a estabelecer um novo reinado no interior e no coração do líder onde “Jesus acaba competindo com cada um dos pequenos reinos que tentamos construir para nós mesmos” (Martins, 2022, p.48). Sem a presença de Deus e sua recompensa, há, tendenciosamente, a chance de buscar satisfação no produto do ministério, seja qual for o resultado que ele pode oferecer (Martins, 2022).

Como consequência, Henri J. M. Nouwen, em seu livro *O perfil do Líder Cristão do século XXI*, vai apresentar uma possível atitude do líder longe de Deus, pois

vivendo numa comunidade com pessoas tão feridas, descobri que eu havia passado a maior parte da minha vida como trapezista, tentando caminhar nas alturas, numa corda bamba para alcançar o outro lado, e sempre esperando por aplausos quando não caía e quebrava minhas pernas. (2018, p.34)

Sendo assim, o mesmo autor aponta que, ironicamente, muitos líderes do cristianismo, ao longo da história, caíram ante a tentação do poder, seja ele de qualquer natureza, contrariando o próprio Jesus que se esvaziou de si mesmo (Nouwen, 2018). Jonas Madureira questiona “mas e se ele perder tudo o que diz que tem?” (Madureira, 2019, p.49).

A resposta é escancarada ao confessar que ser relevante, popular e ter o poder sobre a comunidade eram fatores que indicavam a eficácia no ministério, mas na verdade, não são (Nouwen, 2019). Um ministério eficaz só é garantido pela presença de Deus, pois “Deus pode fazer mais enquanto [o líder] está dormindo do que [o líder] poderia fazer acordado sem Deus” (Piper, 2022, p.52).

Diante disso, lançando mão do exemplo de Moisés, observa-se que ele não prioriza suas habilidades, paciência ou força bélica, ele clama pela presença de Deus (Êxodo 33). Essa excelente

qualidade de Moisés é tão necessária hoje quanto fora naquele período (Shedd, 2000). O líder cristão precisa ser santo e “o alicerce da santidade do líder está no caráter do Deus que ele está representando” (Shedd, 2000, p.39).

Baseado no caráter desse Deus, concorda-se que “a presença real de Cristo é para todos os povos” (Martins, 2022, p.42). O homem sozinho não tem condições de se aproximar do Senhor, mas Jesus, através dos discípulos, lança um brilho que atrai os povos para seguirem a Cristo (Martins, 2022).

Esse brilho manifesta a presença por meio do Espírito Santo todos os dias (Martins, 2022). Em meio ao pecado, a relação fica destruída, todavia, com a presença de Deus, é possível restabelecer o elo (Martins, 2022).

Em outras palavras, o pecado impede qualquer iniciativa humana, contudo, é a presença de Deus que permitia “o povo judeu a permanecer fiel e foi a presença de Deus que fez com que a igreja permanecesse firme ao longo da história” (Martins, 2022, p.33).

Vale, então, a pena lembrar que a promessa da presença veio de Deus e Ele cumpriu, manifestando de forma plena a Sua presença, na medida em que “agora, adoramos um Cristo que é Deus presente, Emanuel, o Deus conosco” (Martins, 2022, p.37).

Ao cumprir a promessa, Deus não se contradiz ao conviver com o homem pecaminoso, já que

nos relatos dos Evangelhos, quando o véu se rasga, a conversão de um gentio é sempre descrita logo em seguida. O rasgar do véu é muitas vezes interpretado como um chamado para que todos possam entrar no Santo dos Santos, mas na verdade é um pouco diferente disso. A ideia é de que Deus não está mais preso ao Santo dos Santos. Por muito tempo, Deus se manifestou exclusivamente naquele lugar, mas agora ele se manifesta aos povos, aos gentios, e a todas as nações. Há uma presença que é grafada no mundo e que vem diretamente de Deus. Não é outra pessoa, nem anjo, nem uma força ou uma energia, mas o próprio Cristo nos conduzindo, nos acompanhando e aplicando a redenção em nosso coração. (MARTINS, 2022, p.62)

Ter Cristo ao lado, é a força mais que necessária para cumprir a missão, mesmo com tantas dificuldades e problemas que surgem (Martins, 2022). Já finalizando o livro, o Pr Yago Martins traz o relato de Paton afirmando que por estar consciente de que contava com o Senhor Jesus, através dessa presença, “fomos fortalecidos para qualquer tarefa que ele havia nos dado ou nos daria” (Martins, 2022, p.131).

Isso é resultado da promessa cumprida da presença de Deus, a imagem do Senhor que se revela através da Bíblia, aplicada pelo poder de seu Santo Espírito diariamente (Martins, 2022). A experiência ajuda a ser eficiente (Maxwell, 1999), a confiança é um fundamento da liderança (Maxwell, 1999), é necessário alinhar a personalidade, vida e Palavra de Deus (Erwin, 2005) e as metas são importantes para ditar o potencial de um homem (Earley, 2024).

Contudo, é a presença de Deus que transforma as missões impossíveis, improváveis, difíceis, utópicas e tantos outros adjetivos que apontam para a incapacidade humana em realidade (Martins, 2022). E o autor ainda diz que “muito superior a ver o mundo ser salvo é ver Jesus Cristo com você” (Martins, 2022).

Portanto, a promessa de Deus consiste em disponibilizar sua presença, não pelas compensações do que for feito no ministério (Martins, 2022), como se fosse um pagamento divino. Pois, pela experiência de Moisés, a presença divina já era o suficiente, não era necessário levar uma mochila enorme, carregando várias coisas (Nouwen, 2018).

Aqui existe outro ponto a ser destacado, a presença é necessária, sendo assim, não é aconselhável que o líder renuncie a ela, uma vez que é dependente. Dito de outra forma, o líder cristão assumirá que “a sua liderança deve estar fundamentada no relacionamento permanente e íntimo com o Verbo encarnado, Jesus” (Nouwen, 2018, p.28)

2.2 DEPENDÊNCIA INEGOCIÁVEL NO SENHOR

A dependência de Deus denuncia a fragilidade humana, além de apresentar que “Deus não deve ser tolerado. Ele nos orienta a adorá-lo e temê-lo” (Chan, 2009, p.24). É natural que o líder busque orientação (Caliguirre, 2004) e na história de Moisés, essa busca é pela presença, já citada, do Senhor.

Assim, ao buscar o Senhor, Moisés lança mão de uma característica inegociável da liderança cristã; a dependência, uma vez que tendo por base a própria Palavra de Deus, as atividades do líder devem ser pautadas no Sagrado (Conceição, 2013).

Esse aspecto da liderança gera uma via de mão dupla, pois o líder mantém seu coração disposto a ensinar os outros e, tão importante quanto, aprender do próprio Deus (Cordeiro, 2008). É nessa dependência que se percebe que, não se trata de um jogo de interesse ou estilo de vida arrogante, pois “investir tempo na Bíblia nem sempre é conveniente ou confortável, e nem sempre produz benefícios imediatos ou evidentes” (Cordeiro, 2008, p.37).

Sendo assim, investir tempo na Bíblia confirma que “como pastor, pregar é o que você faz e a Palavra é o que você prega” (Earley, 2018, p.75). Ou seja, há dependência da presença de Deus, exigindo a dedicação do líder por este encontro (Earley, 2024).

Em outras palavras, Shedd aponta que a dedicação é apresentada quando o líder coloca “Deus e seu Reino como prioridade em sua vida” (2000, p.83). John Piper (2022) acrescenta que um grande líder de pessoas, por vezes, precisa se distanciar das pessoas para ficar mais próximo de Deus.

E para ser esse grande líder, a oração é inegociável, pois “não é possível encontrar um líder eficaz na Bíblia, ou na história, que não tenha sido uma pessoa de oração” (Earley, 2024). A oração é

o fator que facilita os demais hábitos e ações do líder, uma vez que ela é o elo entre o obreiro e o Senhor da obra (Earley, 2024).

Falando de oração, Arantes a define como um estilo de vida, pois ela muda o caráter e a postura “de soberbos para humildes, de autossuficientes, para dependentes de Deus” (2016, p.53). E sem ela, não há crescimento (Arantes, 2016).

Diante disso, Jonas Madureira vai alegar que “o problema é que não é necessário sequer acreditar na existência de Deus para seguir padrões morais de Cristo” (2019, p.56). Ou seja, a oração não pode ser vista apenas como uma ferramenta de crescimento, mas ela é o encontro com o Santo Deus (Tippit, 2019).

Isso significa que a “oração é o ferro usado por Deus para nos marcar. Não causaremos impacto no mundo até que tenhamos sido marcados pelo Mestre” (Tippit, 2019, p.23). O autor ainda diz que os grandes líderes oravam por necessidade, dependência, e não por opção (Tippit, 2019).

Quando não há essa compreensão, corre-se o risco de viver um relacionamento distante com Deus sem usufruir do verdadeiro significado da oração (Tippit, 2019). É por isso que “um homem de oração é a exigência básica para a liderança cristã” (Shedd, 2000, p.20).

Unindo ao pensamento de outro teórico, “a verdadeira oração não apenas fala, mas também ouve” (Earley, 2024, p.30). Shedd (2000), por conta disso, revela que a liderança cristã está à mercê da vontade e lei de Deus, esse é o motivo pelo qual a oração permite que o líder também ouça.

Moisés, vivendo a dependência de Deus, ou melhor, como resultado de depender do Senhor, “deu a Lei, o tabernáculo e as cerimônias pelas quais Israel tinha que se aproximar de Deus e conhecer a sua vontade.” (Shedd, 2000, p.21). Na oração, é ressaltada a dependência, pois, nada pode ser feito sem a manifestação divina (Tippit, 2019).

Diante disso, por vezes, a expectativa paira sobre uma aparição grandiosa, porém, a oração conduz o líder a compreender que nem sempre Deus se manifesta assim (Tippit, 2019). Na verdade, “a oração afeta nossos relacionamentos assim como nossos relacionamentos afetam nossa habilidade para orar” (Tippit, 2019, 49). O autor completa que muitos acreditam no poder místico da oração, não tendo nenhum valor prático (Tippit, 2019).

Essa crença prejudica a continuidade de um trabalho, pois alguns começam bem, mas não perseveram (Shedd, 2000). Por outro lado, ao olhar para Moisés

já que o impacto de uma vida flui do poder espiritual de um homem, é necessário esclarecer que aqueles que têm melhor servido a Deus são aqueles que têm vivido em relacionamento mais íntimo com ele. Moisés alimentou sua intimidade com Deus através da oração, da comunhão e da obediência. (Shedd, 2000, p.21)

Esses três movimentos de Moisés – oração, comunhão e obediência – apontam para a dependência convicta que ele possuía, sendo especialista em “comunicar-se com Deus” (Shedd, 2000,

p.20). John Piper (2022) aconselha que os líderes espirituais acordem bem cedo para que o primeiro encontro do dia seja com o Senhor.

Ao evitar este encontro, as escolhas do líder tornam-se arriscadas em vários e variados casos, pois “o interessante é que nenhuma das minhas decisões foi errada [...]. O meu erro foi o modo como tomei as três decisões” (Maxwell, 1999, p.76). Caliguirre (2004) reconhece que ser o seu próprio patrão permite maior liberdade, porém, o líder piedoso assume que Deus é a prioridade e não apenas um tópico dentre tantos outros (Madureira, 2019).

Ou seja, através da oração e da dependência é que o líder aceita, de maneira muito humilde, “ouvir vez após vez a voz do amor, e a encontrar lá a sabedoria e a coragem para tratar quaisquer questões que lhes aparecerem” (Nouwen, 2018, p.29). Não se trata de buscar resultados materiais, mas adota os frutos e ferramentas sobrenaturais (Nouwen, 2018).

Embora haja consenso sobre a importância da oração, dois argumentos são apresentados como empecilhos para tal: falta de tempo ou falta de lugar. De acordo com Earley, existe algo comum no meio de tantas atividades, sendo “o fato de estarmos muito ocupados, de não termos tempo suficiente [...]. Não conseguiremos entender que a oração, na verdade, economiza tempo e esforço” (2024, p.28). A primeira desculpa já cai por terra.

O mesmo autor oferece uma solução para a segunda problemática, pois “nossa capacidade de focar e nos concentrar na oração é aprimorada se tivermos um lugar habitual e privado para orar” (Earley, 2024, p.32). Nas duas situações, é necessário, para o líder cristão, calcular o custo de sua dependência, tomando ciência do que irá perder ou ganhar nessas situações (Madureira, 2019).

Contudo, o cálculo não se limita a vida mundana, ela transcende aos dilemas da caminhada espiritual também (Madureira, 2019). Por isso, conforme defende e discorre Arantes (2016, p.62), “ter um ministério visível de oração é colocar nossa devoção acima de qualquer obstáculo que tente nos desviar do encontro pessoal com o Senhor”. Sendo assim, recusar ter esse momento com Deus denuncia que a pessoa não é digna de ser chamada de discípulo de Cristo (Arantes, 2016).

Além da oração, a dependência em Deus oferece a Sua própria Palavra e “a Bíblia existe para ser obedecida, e não só para encher nossa cachola de informação” (Martins, 2022, p.60). É a partir das Sagradas Escrituras que o líder poderá ouvir a voz mansa, cheia de amor e perdão do próprio Deus, deixando calar os ruídos turbulentos do mundo (Nouwen, 2018).

Assim, ouvir a voz de Deus permite que o líder, como Moisés, não fique paralisado pela indecisão (Piper, 2022), mas consiga recorrer e encontrar a orientação necessária no lugar adequado, a saber, na presença divina. Ao chegar no cargo de liderança, o indivíduo, reconhecendo a exigência do posto, assume que “quando um líder deixa de aprender, deixa também de ser líder” (Scholl, 2016, p.116).

Esse ensino vem de Deus, conquistado na e pela presença do Senhor, pois a liderança impõe que o homem ou a mulher conheça a Deus e coloque em prática os seus mandamentos compartilhados por Sua Palavra (Shedd, 2000). E esse motivo esclarece a dependência da Bíblia, de um relacionamento que visa o aprendizado, pois recusar-se a depender “não é um sinal de maturidade, mas de imaturidade” (Stott, 2011, p.91).

Dessa forma, a Bíblia passa a ser a base que produz uma liderança cristã sadia, visto que, segundo Shedd

um líder não cai de repente, mas é como uma árvore em um processo vagaroso de apodrecimento interno; ela cai, quando um vento forte sopra, porque a doença havia enfraquecido a estrutura interior. (2000, p.40)

Essa doença é resultado, ainda completa o autor, da falta de compromisso com os princípios encontrados na própria Palavra de Deus (Shedd, 2000). Ou seja, de acordo com Madureira (2019, p.43) “a cruz que devemos carregar é aquela segundo os termos de Jesus e por causa de Jesus”.

Por isso, o líder precisa estar em comunhão com as orientações divinas, pois elas garantem o preparo necessário para lidar com as situações (Earley, 2024). A promessa de Deus, apresentada pela Sua fala a Moisés, atualmente, ainda é a Palavra de Deus, já que está registrada na Bíblia onde, séculos e séculos se passaram e “os oponentes da Bíblia continuam morrendo, enquanto a Bíblia permanece viva” (Cordeiro, 2008, p.190).

Essa frase não deve ser encarada como motivacional, mas a relevância está na promessa de Deus em abençoar aqueles que seguem, e apenas estes, a Palavra d’Ele (Cordeiro, 2008). Existe uma alegria, verdade, paz e sentido nas Palavras do Grande Mestre (Martins, 2022).

Sendo assim, o líder que toma posse desse valioso tesouro, oferecerá uma liderança de alta qualidade na comunidade em que estiver (Shedd, 2000). A razão para isso é que Deus, como uma fonte inesgotável de sabedoria, compartilha com os Seus as estratégias e conhecimentos necessários para o bom andamento do grupo, mas “a habilidade para ensinar depende do desejo contínuo de aprender” (Shedd, 2000, p.34).

Por esse pensamento, é preciso ressaltar que Moisés recebeu as orientações corretas e adequadas para o seu tempo de liderança, uma vez que ele dedicou momentos com Deus de oração e desfrutou de Sua Palavra, pois “essa aventura não pode ser vivida superficialmente” (Tippit, 2019, p.35). E a liderança, em si, exige movimentos dinâmicos e mudanças, porque a vida continua e a há a necessidade de adaptação constante (Shedd, 2000).

Essa adaptação não é em relação a base, uma vez que esta é a presença de Deus, mas a compreensão de que a “teologia é sempre mais importante que a metodologia” (Padilha, 2009, p.119).

Ou seja, as estratégias usadas pelo líder, ainda que sejam criativas, devem ser “o resultado da meditação na revelação bíblica do Criador do mundo” (Tippit, 2019, p.42).

O grande equívoco nesse cenário é se ocupar tanto com as atividades e contextualizações, que de tão ocupados, ainda “nos falta tempo para Deus” (Tippit, 2019, p.50,51). Por isso, o líder cristão reconhece que o sucesso de seu trabalho não é determinado pelos padrões do mundo, mas sim, pela obediência aos decretos divinos (Tippit, 2019).

Para isso acontecer, são indispensáveis a oração e a leitura bíblica, pois elas disponibilizam os recursos divinos necessários para corrigir os erros e liderar o povo para soluções reais (Shedd, 2000). O líder cristão assume que a Bíblia não tem o mesmo valor que outros livros do mundo (Cordeiro, 2008) e a oração concede um conhecimento profundo da liberdade que se encontra diante da real presença de Deus, sem influência do que está ao redor (Nouwen, 2018).

Portanto, a presença de Deus exige e, ao mesmo tempo, “nos ensina que o custo de seguir Jesus envolve humilhação e sujeição a Deus” (Madureira, 2019, p.44). Ela esclarece ao líder que não há apenas dependência, mas exige submissão.

2.3 SUBMISSÃO TOTAL A DEUS

Quando se fala em dependência, é comum pensar que tudo será resolvido por quem tem mais poder, e, por isso, o indivíduo chega com uma lista de necessidades e espera a resolução de todas elas. Nas palavras de Francis Chan, ao falar muito, há demora para ouvir, porém, “o homem sábio se apresenta a Deus sem dizer uma palavra, e permanece em reverência diante dele” (2009, p.21).

Diante disso, o líder cristão assume uma postura totalmente contrária à sua expectativa, pois ao chegar no cargo de liderança, perceberá que “o maior deve ser o servo de todos, apenas um servo” (Erwin, 2005, p.49). Em outras palavras, acatar a ideia de ser submisso é um aspecto devastador àqueles que desejam comandar (Erwin, 2005).

Ao abraçar essa realidade, há o anúncio de que o padrão exigido será seguido, o que não é tão agradável e, dito acima, uma ameaça ao comando que é incentivado atualmente, pois

para evitar o enfrentamento dessa rejeição natural ao discipulado de Jesus, podemos ressignificar a cruz, minimizar o poder confrontador do evangelho, maquiagem a Bíblia e nossas igrejas locais, para que um pseudocristianismo seja aceito pela cultura, para que sejamos recebidos nas diversas esferas da sociedade, sem “cara feia”, sem sermos tachados de fanáticos, fundamentalistas e, por que não, de loucos” (Madureira, 2019, p.42)

Essa tendência é forte e real, pois é comum valorizar mais a vida do que amar a Deus (CHAN, 2009). Falando de outra forma, Martins (2022) articula que a Palavra de Deus é aceita até onde não gera incômodo. Este incômodo manifesta-se em “ira contra quem quer nos tirar o nosso império” (Martins, 2022, p.50).

Pensando nesse tipo de perigo, é válido compreender que o indivíduo que almeja a liderança cristã precisa seguir os passos propostos, caso não o faça seguirá uma ideia qualquer criada por ele mesmo (Madureira, 2019). Nouwen destaca uma característica indispensável ao afirmar que “também estou começando a compreender o mistério de que ser líder significa em grande parte ser liderado” (2018, p.48).

A partir desse relato, concorda-se com Scholl quando este afirma que o alvo pessoal é a realização individual, além de que “a sociedade atual está arraigada ao conceito de poder e satisfação própria” (Scholl, 2016, p.119). O rumo que a liderança toma é resultado da convicção que age permitindo que o indivíduo persevere naquilo ou não (Shedd, 2000). E dentre todas as características, Tippit (2019, p.15) defende que o mais valioso é “um coração submisso a Deus”.

Diante dessa característica, a experiência de Moisés reforça que sua liderança é produto do poder de Deus (Tippit, 2019). Moisés, ao almejar a presença de Deus reconhece a sua dependência e a necessidade de se submeter, pois “é importante sabermos que Deus não constrói seu reino na força de homens, mas em corações humildes” (Tippit, 2019, p.22).

Seguindo a lógica, evita-se ser dominado por urgências e emergências que surgem no dia a dia, colocando a pressão no líder, pois, com a submissão, “deixamos de ser estranhos para nosso próprio coração e o coração de Deus” (Nouwen, 2018, p.27). A base deixa de ser a vaidade e o egoísmo do líder (Erwin, 2005).

Essa base, necessariamente, precisa estar firmada em Deus e não no desejo pelo sucesso (Martins, 2022). Sem essa firmeza no Senhor, os líderes atrevem-se a serem chamados de “pseudopsicólogos, pseudosociólogos, pseudoassistentes sociais” (Nouwen, 2018, p.55). Ajudar os outros é muito bom, mas não é finalidade do líder.

Dito de outra forma, “a primeira exigência de um líder cristão é santidade” (Shedd, 2000, p.38). É através dela que o líder se aproxima de Deus e reconhece, como Isaías, a condição miserável que se está por causa do pecado (Shedd, 2000).

A natureza caída obriga o líder a admitir que Deus é infinitamente maior e melhor que ele, por isso, “precisamos orar!” (Tippit, 2019, p.33). Isso é submissão. A única exigência que o líder precisa ter não é a capacidade de operar milagres, mas é o seu zelo pela Obra de Deus e Seu Reino, pois isso evidencia a presença do Espírito nele (Shedd, 2000).

Um perigo a submissão é quando a igreja demonstra depender e valorizar mais a tecnologia do que o poder de Deus, abandonando a sala do Trono e lançando mão de “biscoitos, refrigerantes e um grupo vocal” (Tippit, 2019, p.31). E o autor ainda complementa que quando atribui a oração como apenas uma função, a igreja desfalece espiritualmente (Tippit, 2019).

Por isso, a oração revela um coração humilde e submisso, além de expor se há a presença de algum orgulho no líder, confirmando que “o coração humilde não é uma opção, é uma necessidade”

(Tippit, 2019, p.20). Muitos cristãos criam impérios para si e não permitem que outros os questionem (Nouwen, 2018).

Por outro lado, há pessoas, “muitas delas com prestigiados MBAs, foram capacitadas para administrar, mas não sabem liderar” (Scholl, 2016, p.113). Elas se recusam a servir, valorizam a habilidade e talento que possuem, porém, isso não é aceitável para um líder cristão (Shedd, 2000).

Ainda nessa linha, existem líderes dispostos a servir e se dedicarem, todavia, “quando chegou o momento crucial de submissão à ordem do Senhor, ele fez o oposto” (Shedd, 2000, p.83). De acordo com Sammy Tippit (2019), é necessário a conscientização de que, para ser cheio do Espírito Santo, tem que haver entrega completa a Deus, ou seja, submissão.

Para deixar mais claro esse argumento, “o cristão pode encarar as portas do inferno, se antes ele já esteve perante o trono dos céus” (Tippit, 2019, p.29). Nouwen (2018) garante que a relevância do líder está em ser espiritual e conhecer o amor que vem de Deus.

Ao conhecer este amor, o foco retorna para Cristo e “somos chamados para sermos iguais a Jesus” (Tippit, 2019, p.19). O convite de Jesus é de união por meio da oração (Tippit, 2019), pois se alguém deseja ser usado por Deus como proclamador de sua mensagem, transmissor das ordenanças ou ser líder do Seu povo, é necessário andar humildemente e próximo a Ele (Tippit, 2019).

É aqui que a oração conduz à submissão, visto que diante da presença gloriosa do Senhor, a Sua natureza Santa é logo reconhecida (Tippit, 2019). Além disso, a “oração é a oportunidade que temos de submeter nossa vida ao senhorio de Cristo” (Tippit, 2019, p.52).

Diante disso, vale destacar as palavras de Nouwen (2018, p.40)

de tudo o que foi dito, está claro que um tipo totalmente novo de liderança é necessário para a Igreja de amanhã, uma liderança que não é moldada segundo os jogos de poder deste mundo, mas segundo o servo-líder, Jesus, que veio para dar a sua vida para a salvação de muitos.

Quando esse padrão não é seguido, ou melhor, quando não há submissão, é possível assumir a mesma inveja do Pr Yago Martins (2022), pois confessa que se pega cabisbaixo quando não participa de algo como preletor, mas apenas ouvinte. A submissão define quem é o centro, quem é o principal, pois “ou Jesus está em primeiro lugar na vida do discípulo e o seu Reino é a prioridade ou o indivíduo está desabilitado para ser discípulo” (Arantes, 2016, p.19).

Outra clareza que a submissão oferece é a condição imposta por Deus ao exigir tudo do líder (Chan, 2009). Dentro dessa realidade haverá um tipo específico de sofrimento, uma vez que ele é produto do próprio fato de seguir a Jesus (Madureira, 2019). A submissão não torna o líder isento dos dissabores, porém, nas palavras de John Piper (2022, p.33) “não quero dizer que devemos ser o tipo de pessoa que não se sente magoada, mas sim que não devemos ser varridos pela dor”.

Essa certeza acalma os ânimos do líder cristão, pois “a plenitude do Espírito significa que o líder não está sozinho” (Shedd, 2000, p.42). E essa companhia, a presença prometida, facilita a compreensão de que o próprio Jesus encaminha a comunhão com Deus (Tippit, 2019).

Nas palavras do mesmo autor, há uma evidência, que vale destaque, ao deliciar-se nessa comunhão, visto que, “o reino de Deus será construído apenas por aqueles que têm a marca do Rei em sua vida – a marca que receberam por terem estado em sua presença” (Tippit, 2019, p.39). A partir da submissão, por meio da oração, o líder experimenta a satisfação completa no próprio Deus, através do exemplo de Jesus Cristo, sendo Ele o motivo e o principal modelo que mostra a necessidade de depender tão somente do Pai (Tippit, 2019).

Em outros termos, orar exige investimento de tempo, embora “muitos considerem o tempo de espera um tempo consumido, mas não produtivo” (Tippit, 2019, p.39). Assumir que a submissão a Deus é essencial, leva o líder a admitir que se abre uma nova forma de viver, uma nova dimensão, um novo conceito de liderança (Tippit, 2019).

Baseado no modelo de Cristo, o líder saberá o que se é digno viver e até morrer (Shedd, 2000). Há de se reconhecer o momento em que ele deixa de lutar com armas humanas, passa a usar a ferramenta espiritual e define que as “experiências com o Senhor são resultado da comunhão entre Deus e a personalidade humana” (Tippit, 2019, p.41).

Como resultado, “o líder humilde e liberto do orgulho não precisa se preocupar em manter sua imagem” (Scholl, 2016, p.124), uma vez que compreende que Deus se opõe aos orgulhosos (Tippit, 2019). A ideia é consentir que a suficiência do líder não está em seu treinamento, na sua capacidade de ajudar os companheiros ou nas respostas adequadas ao seu tempo, ainda que isso tudo seja muito importante na liderança, mas o coração da liderança cristã é a sua dependência e submissão ao Senhor (Nouwen, 2018).

É bem verdade que alguma característica humana natural será destacada em meio a multidão (Martins, 2022), mas é a oração que garante a comunhão com o Pai e a Palavra d’Ele, sendo a prova de que se deve esperar em Deus (Tippit, 2019), obrigatoriamente, o diferencial no líder cristão.

A presença de Deus, a dependência e a submissão a Ele geram as seguintes qualidades em um líder, pois este precisa ser/ter

1. Servo 2. Não seja o senhor absoluto... 3. Exemplo 4. Humildade 5. Como uma criança... 6. Como o mais jovem 7. O último 8. O menor 9. Sem usar a força 10. Sem ambição cega 11. Sem reputação 12. Ser humano 13. Obediência 14. Doar a sua vida! (Erwin, 2005, p.128)

Essa lista só poder ser alcançada quando o líder não se enche de outras coisas, entregando a Deus somente as sobras, como se fizesse por compaixão (Chan, 2009). O líder cristão reconhece que

sonhar com seu ministério faz diferença (Earley, 2024), contudo, “quando a espiritualidade se torna espiritualização, a vida no corpo se torna carnal” (Nouwen, 2018, p.42).

Caminhando para o final, este capítulo finaliza assumindo, novamente, que a presença prometida por Deus a Moisés foi cumprida, inclusive, atualmente, o trabalho só é continuado se os líderes tomarem posse da Palavra de Deus e depender dela, tanto quanto se submeterem em oração ao Deus da obra.

Portanto, a dependência de Deus faz-se necessária, visto que, sem Ele nada aconteceria. Ele é quem chamou, preparou e teve toda a iniciativa de conduzir as pessoas para Si, assim fizera e usara Moisés e, ainda hoje, faz e usa outros líderes.

O próximo capítulo apresentará uma característica indispensável ao líder cristão. Uma vez que há convicção no chamado, o candidato reconhece que Deus permite a aproximação de pessoas que o auxiliem a compreender a chamada como pessoal e vive-la como prioridade.

Capítulo 3 A CONVICÇÃO DE SER LEVANTADO POR DEUS

INTRODUÇÃO

O povo de Deus estava sendo escravizado pelos egípcios. A partir de uma estratégia do Faraó, os israelitas, apesar de serem fortes e numerosos, não conseguiram resistir e tornaram-se submissos ao governo do Egito. Contudo, o relato de Êxodo 2.23-25 demonstra a ação do povo em clamar e a reação de Yahweh em direcionar sua atenção para eles. Nesse contexto, é apresentado o diálogo entre o Senhor de Israel e o seu grande líder, Moisés, logo em sequência

1. Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã; e levando o rebanho para o lado ocidental do deserto, chegou ao monte de Deus, a Horebe. 2. Apareceu-lhe o Anjo do SENHOR numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. [...] 4. Vendo o SENHOR que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui! 5. Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. [...] 9. Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. 10. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. (Êxodo 3.1-2, 4-5 e 9-10)

Assim, por esse trecho, já é possível observar que a iniciativa, o primeiro passo, vem de Deus, pois, “no cotidiano de Moisés, exercendo uma atividade ‘comum’ de cuidar dos animais, Javé se revela, apresentando o seu projeto de libertação” (Schmitt, 2015, p.1207). Dentro do plano do Senhor, nunca haverá aleatoriedade ou desordem (Lidório, 2014).

Reconhecer tal característica conduz à clareza de que há um movimento intencional na história direcionado pelo Senhor soberano, ao chamar, preparar e enviar seus escolhidos para suas respectivas missões (Costa, 2019). As objeções de Moisés, no decorrer do capítulo 3 de Êxodo, assemelham-se aquelas dos líderes atuais, em alguma medida, entretanto, na vocação que vem de Deus é esperado o pensamento de que “diminuímos tanto em importância que só nos resta refletir Cristo” (Amide, 2019, p.8).

Tais objeções surgem com a hipótese de que há a necessidade de o candidato demonstrar alguma valência positiva para merecer o cargo de líder, dito de outra forma, de acordo com Amide (2019), muitas pessoas pensam que precisam mudar de vida e oferecer a Deus tudo pronto. Todavia, vale ressaltar que “todos nós sabemos o que Deus nos cobra para mudar” (Corrêa, 2016, p.32).

Essa mudança é proporcionada no preparo que vem daquele que chama, pois “o que nos define é nossa vida em Cristo” (Lidório, 2014, p.35). Cumprir com o chamado de Deus requer, como já citado, humildade, embora não seja uma virtude desejada atualmente (Corrêa, 2016).

Porém, uma vez que o candidato aceita o chamado, como Moisés o fez, recebe, do Senhor da obra, o incomparável privilégio de usufruir de “todas as habilidades naturais e dons espirituais que necessitam, os quais devem ser dedicados, cultivados e usados para a glória de Deus” (Corrêa, 2016,

p.24). O próprio Moisés, durante a chamada, apresenta temor e fascínio pela revelação divina (Schmitt, 2015).

Essa reação de Moisés também é encontrada atualmente, tanto quanto, a certeza de que Deus capacita e acompanha aqueles que são vocacionados (Schmitt, 2015). A capacitação é divina, assim como o acompanhamento, todavia, Deus pode lançar mão de instrumentos humanos, e Jetro é um grande exemplo disso.

3.1 DEUS LEVANTA PESSOAS PARA AUXILIAR

Abrindo essa discussão, Alexander defende que “o longo discurso de Jetro oferece um sábio e prático conselho a Moisés” (2023, p.80). O diálogo entre os dois encontra-se em Êxodo 18, em que a primeira metade relembra o poder de Deus em libertar o povo do Egito e o restante do capítulo destaca o tipo de governo que o Rei divino ensina ao mesmo povo (Alexander, 2023).

Quando Jetro se apresenta e ouve, do próprio Moisés, a história do êxodo, ele “reconhece a supremacia de YHWH em relação a todos os outros deuses” (Cole, 1981, p.134). Tal reconhecimento indica que Jetro expressa um certo respeito e fé em relação ao Deus de Israel, mesmo sendo de um povo diferente. Inclusive, Alexander (2023) alega que Jetro reconhecia o Senhor como seu próprio Deus, pelo seu jeito de falar e se comportar.

Dito de outra forma, “o testemunho de Moisés persuade Jetro a proclamar que não há Deus como o Senhor, o qual sozinho tem o poder de resgatar [...] do Egito” (Alexander, 2023, p.81). O mesmo testemunho que impactou Jetro, provavelmente, gerava em Moisés o desejo de cumprir sua missão, ignorando suas limitações (Alexander, 2023).

Sendo assim, é possível concordar com o pensamento de Alexander (2023, p.81) ao apontar que “Moisés está tão preocupado em atender às necessidades deles que é incapaz de apreciar a importância de delegar responsabilidades a outros”. Antes de Êxodo 18, a Bíblia não relata um tipo de conselho como o de Jetro sobre essa situação e, por isso, é uma intervenção adequada e essencial (Alexander, 2023).

Ao ver Moisés consultando ao Senhor para saber a melhor decisão para cada demanda dos israelitas (Alexander, 2023), Jetro “rapidamente reconhece o desafio enfrentado por Moisés e a tensão que é colocada sobre ele” (Alexander, 2023, p.81). Humanamente falando, o sogro de Moisés sabia que era uma tarefa extremamente desgastante.

Por outro lado, é muito válido destacar que Jetro não tem a intenção de diminuir a posição de Moisés ou desafiá-lo, pois, ao ver seu genro “como líder dos israelitas, Jetro defende a nomeação de outros ‘juízes’” (Alexander, 2023, p.80). A ideia não era, novamente, inibir a liderança de Moisés, mas auxiliá-lo a ser um líder melhor.

Diante disso, o questionamento de Jetro não ofende, pelo contrário, incentiva Moisés a olhar por outro ângulo, visto que, a dúvida era “*por que te assentas só?* Eis aqui a pergunta de um velho chefe que já aprendera a lição de como delegar autoridade” (Cole, 1981, p.136). Vale lembrar que Moisés, quando foi chamado em Êxodo 3, estava apascentando as ovelhas do seu sogro, ou seja, foi delegado tal responsabilidade.

Dessa forma, o conselho de Jetro é resultado de alguém que pratica o que ensina, inclusive “como muitos líderes cristãos, Moisés estava se desgastando desnecessariamente ao tentar tudo sozinho” (Cole, 1981, p.136). Esse desgaste de Moisés, acusado, respeitosamente, por Jetro, nem sempre está ligado à ambição ou egocentrismo. Por vezes, aponta para um zelo e ansiedade demasiada em cumprir a missão (Cole, 1981).

Essa preocupação é evidente na vida de um líder, porém, está incluso a consciência de que “também deve haver um processo de educação que envolva toda a população” (Alexander, 2023, p.80). Moisés via essa função judiciária como uma forma de oferecer os princípios da revelação de Deus e aplicar nas situações cotidianas do povo (Cole, 1981).

Sim, é função do líder, mas ele não tem condições de capacitar o povo sozinho, por isso, Jetro aconselha. A continuação do diálogo entre os dois apresenta a necessidade de ensinar o caminho em que se deve andar o que “poderia ser interpretada literalmente no caso de Israel, referindo-se à sua jornada através do deserto” (Cole, 1981, p.136). Porém, a ideia vai além ao indicar o modo de viver que agrada a Deus, reconhecendo-o como Rei.

Nessa temática Alexander (2023, p.80-81) defende que

ambos os aspectos da natureza de Deus precisam ser enfatizados, pois têm uma importante influência em como devemos abordar a questão do discipulado. Da mesma maneira, os cristãos precisam apreciar como Jesus é tanto Salvador quanto Rei.

Para que o caminho agrade ao Rei e Salvador do povo, Jetro sugere a Moisés a nomeação de juízes que contribuam para este objetivo e que tenham as qualidades, não intelectuais, mas, sobretudo, morais (Cole, 1981). A lei era vista como “uma placa indicativa colocada por Deus em Seu caminho para esta vida” (Cole, 1981, p.136).

Ou seja, a tarefa não deveria ser cumprida de qualquer jeito e nem por quaisquer pessoas. O conselho de Jetro abarca algumas características desses juízes, por exemplo, o requisito deles serem “homens capazes. O termo hebraico empregado poderia ter significado militar, indicando um soldado de valor. Com o passar do tempo veio a significar ‘um homem de bem’” (Cole, 1981, p.137).

Esses homens capazes deveriam indicar a mesma direção que Moisés indicava e, consequentemente, serem “confiáveis e não inclinados ao suborno, um ponto reforçado posteriormente por Deus

no Livro da Aliança” (Alexander, 2023, p.80). A escolha desses homens seria orientada por Deus, a partir do conselho de Jetro.

Interessante, então, notar que mesmo não sendo israelita, o sogro de Moisés cita Deus regularmente e sua humildade demonstra que não quer ser visto como alguém maior que o próprio Deus (Alexander, 2023). Dito de outra forma, Moisés ouve os conselhos de Jetro que reconhece que “precisa antes ser aprovado por Deus” (Alexander, 2023, p.81).

Essa relação de Moisés e Jetro é comparável ao discípulo e seu mestre em que, em uma conversa, este fornece “um relatório pessoal a respeito de como andavam espiritual, emocional e fisicamente” (Caliguirre, 2004, p.85). A liderança de Moisés veio diretamente de Deus e isso não exclui o fato dele precisar de orientações, muito pelo contrário, pois a transformação nem sempre será no âmbito da moralidade, por vezes, será na direção (Amide, 2019).

Essa direção está atrelada ao objetivo final e, lançando mão do processo de conversão, de maneira didática, para esclarecer o auxílio que vem de Deus para um líder chamado por ele, entende-se que “a conversão é, inicialmente, uma mudança de direção, e é esta mudança de direção que possa mudar os seus hábitos e transformá-lo em servo eficaz de Deus” (Amide, 2019, p.6).

Para ser um servo eficaz de Deus é necessário aceitar que o modelo disposto nas Escrituras Sagradas narra um homem “cheio do Espírito Santo, que supervisiona, pastoreia, dirige, ensina e admoesta, fazendo tudo com o espírito de amor, consolo e compaixão” (Corrêa, 2016, p.20). Ou seja, alguém direcionado por Deus.

Sendo assim, “Deus não espera que um único indivíduo faça todo o trabalho” (Alexander, 2023, p.81). Nem é possível. Mas, pelo relato de Êxodo 18, Deus se alegra e permite que a missão seja compartilhada com homens qualificados de maneira adequada para tal (Alexander, 2023).

É bem verdade que “Deus quer, deseja e exige o melhor que temos a oferecer” (Chan, 2009, p.87). Contudo, de igual modo, é essencial admitir que, em diversos momentos, alguns serão “ensinados por mim, em lugar de eu ser ensinado por eles” (Cordeiro, 2008, p.183).

Essa inversão, portanto, não exclui a autenticidade real do chamado de Deus, mas revela que “a força do seu ministério não está em sua própria habilidade, competência, sustento ou igreja enviada, mas no Senhor” (Lidório, 2014, p.43). Jetro aconselha Moisés e representa o cuidado pessoal de quem convocou e sustenta seu líder; Deus.

3.2 A VOCAÇÃO É PESSOAL

Deus vocaciona as pessoas para cumprirem o seu propósito de uma maneira específica, pois, de acordo com Lidório “a vocação de Deus é pessoal, incontestável e irresistível” (2014, p.7). Isso significa que o chamado é direto e individual para um trabalho específico com um objetivo benéfico (Costa, 2019), mesmo que haja a participação de terceiros no processo.

Ao assumir essa compreensão, é possível concordar com a pensamento de que “a finalidade do chamado não é puramente servir aos homens ou à igreja, mas a Deus” (Lidório, 2014, p.10). O objetivo final é glorificar ao Senhor através do serviço, ou seja, não é para onde ir, necessariamente, mas é o que se faz (Lidório, 2014).

Usando o exemplo descrito a partir de Êxodo 3, é certo destacar a pessoa de Moisés, “ora um líder forte e ora um ser tomado de medo” (Schmitt, 2015, p.1208). Tal característica não tirou a liderança de Moisés, visto que, sua experiência com o Senhor da obra o ensinou a reconhecer que depende de Deus para perseverar na missão confiada (Schmitt, 2015).

Essa dependência garante o relacionamento pessoal entre o líder e o liderado, o que envia e o que é enviado, dito isto, “essa garantia repousa no fato de que o Senhor se agrada de Moisés e o conhece intimamente” (Alexander, 2023, p.157). É o Senhor que toma a iniciativa e Moisés responde com uma fé gradativa, até chegar em nível de confiança maior (Amide, 2019).

A graduação citada oferece um olhar mais real no que diz respeito a vocação, visto que, por mais óbvio que seja, ninguém nasce pronto, todavia, é necessário compreender “primeiro, o lugar da ‘nossa’ vocação dentro da vocação de Deus, e, segundo, o desenvolvimento da nossa vocação ao longo da vida” (Amide, 2019, p.1). É aqui que se tem a divergência entre chamada geral e a específica (Amide, 2019).

De forma resumida, antes de apresentar a diferença, há de se saber que todos os cristãos são chamados para glorificar ao Senhor (Costa, 2019). Por outro lado, “a espera por um chamado subjetivo por vezes afasta o cristão do serviço ao Reino” (Costa, 2019, p.6). Até parece controverso, mas o desejo de saber onde servir, impede que sirva onde se está, pois “discernir para qual ministério Deus o chamou é uma caminhada” (Lidório, 2014, p.24).

Diante desse impasse, é apropriado citar Corrêa (2016, p.15) quando defende, objetivamente, que “o ministério é sacro, é bíblico e espiritual. E as qualificações para se entrar nele devem ser observadas e jamais negociadas”. A própria vocação universal, também chamada geral, é destinada a todo e qualquer cristão como algo que conduz aos padrões encontrados na Palavra de Deus (Costa, 2019).

A saber, Lidório esmiuça tal vocação geral dizendo que “a Igreja de Cristo é chamada (vocationada, convocada) para a salvação, santidade, comunhão e missão” (2014, p.11). Em outras palavras, o estilo de vida exigido já impõe comportamentos semelhantes aos que têm chamado específico e aos que não têm e, além disso, reconhecer a vocação específica “é uma certeza que vem ao coração de forma pessoal e irrevogável” (Lidório, 2014, p.23-24).

Sendo assim, uma vez que o cristão não faz a distinção correta, dificilmente terá discernimento para compreender se tem chamado específico ou não e permanecerá na dúvida (Lidório, 2014). Por isso, em um contexto repleto de dúvidas e questionamentos, as respostas serão encontradas no próprio

Deus que chama, convoca e vocaciona, ou seja, “em nosso mundo de solidão e desespero há uma enorme necessidade de homens e mulheres que conheçam o coração de Deus” (Nouwen, 2018, p.24).

Todas essas dúvidas, e tantas outras, aumentam no coração do vocacionado o desejo de reviver as experiências de Moisés de forma literal, pois Deus fez um milagre com a sarça ardente sem consumi-la para chamar Moisés (Schmitt, 2015). Porém, “a revelação de Javé no Horebe foi um evento preciso, isto é, Javé não permanece neste local” (Schmitt, 2015, p.1214).

Moisés estava trabalhando quando foi chamado, ele encontrou o local sagrado e não criou um, “Javé revelou-se como Deus pessoal [...] ocorreu a revelação à Moisés” (Schmitt, 2015, p.1215). O líder vocacionado pessoalmente por Deus foi encontrado por Ele enquanto trabalhava, visto que “o ministério não é lugar para desocupados” (Corrêa, 2016, p.25).

Para esperar um chamado específico, o candidato a liderança cristã já deve ter um relacionamento pessoal e íntimo com Deus buscando transmitir a glória do Senhor, fazer a diferença em seu contexto, usufruir da santidade e orar, ou seja, aceitar e viver de acordo com a vocação para a igreja (Costa, 2019). De acordo com Lidório, “uma aplicação objetiva do texto seria: não envie para longe aqueles que não são uma bênção perto” (2014, p.34).

É assim que o Senhor da obra encontrará e guiará o líder para o que ele deve fazer, a partir de um relacionamento íntimo com alguém que faz parte do povo santo, porém

para muitos, tudo se reduz a uma experiência religiosa vagamente ligada a Jesus Cristo, da qual derivam certos benefícios “espirituais”. Essa maneira de entender a profissão de fé é, para dizer o mínimo, deficiente. Ela precisa ser corrigida por uma visão evangélica das implicações do discipulado cristão. (Padilha, 2009, p.113)

Tal equívoco pode ser confrontado com o argumento de Lidório (2014) ao discorrer que Cristo capacita a sua igreja para cumprir a missão principal. Diz que “o fato de todos os redimidos serem chamados para o propósito de Deus não isenta o Senhor de chamar alguns para funções específicas” (Lidório, 2014, p.14).

Assim, o líder cristão pode estar rodeado por outros líderes que o auxiliam, porém, é necessário que haja uma busca particular na Bíblia para que seu coração permaneça convicto, direcionado e firme no propósito (Lidório, 2014). Deus chama os seus, e os seus precisam ter “discernimento para saber qual é o próximo passo e perseverança para jamais desistir” (Lidório, 2014, p.8).

Com essa convicção, vale a pena citar que “para seguir Jesus, é necessário evidenciar certo tipo de amor” (Madureira, 2019, p.36). Não é possível servir a Jesus de qualquer maneira, e, por vezes, ao se deparar com a jornada, o líder pode ter a sensação de que inicia tudo do zero (Nouwen, 2018).

Dito de outra forma, as dúvidas e confusões podem ser desfeitas através da oração, pois ao apresentar suas questões diante de Deus, “a oração traz a natureza, o caráter e os propósitos de Deus ao coração do homem” (Tippit, 2019, p.35). Saber a mente do Senhor, através desse relacionamento

pessoal, contribui nas tomadas de decisão eficaz e saudável para si e para os seus liderados (Shedd, 2000).

Entretanto, quando o candidato, ou até um líder já experiente desdenha dessa prática, verifica-se que “errar na vocação é terrível calamidade para o homem, e, para a igreja sobre a qual ele se impõe, seu erro envolve aflição das mais dolorosas” (Spurgeon, 2011, p.10). Para evitar esse grande deslize, as câmaras privadas da oração, visitadas com frequência, disponibilizam a vitória a ser conquistada com os “joelhos dobrados” (Tippit, 2019, p.23).

A vocação pessoal tem início na chamada divina e segue com o encontro regular de Deus com o servo, onde o coração do Senhor derrama graça no coração do homem que, por sua vez, busca conhecer o coração daquele que o chamou, sendo “a oração [...], essencialmente, a comunhão de dois corações” (Tippit, 2019, p.36). Por isso, Deus se agrada do líder que demonstra fé (Shedd, 2000), até porque, “quem crê não se precipita” (Spurgeon, 2011, p.28).

A partir dessa fé, há o render-se ao desejo de cumprir o propósito de Deus e, somente assim, alcançará a satisfação na liderança cristã (Corrêa, 2016). Inclusive, quanto mais se aproxima dos instrumentos dados pelo Senhor, melhor será o resultado do serviço em si para “manter clara e viva a chamada vocacional, lembrando quais são, de fato, as prioridades de Deus em sua vida” (Lidório, 2014, p.29).

Vale dizer também que a pessoalidade na chamada do ministério não justifica a facilidade em “ver o predomínio do individualismo entre ministros e líderes” (Nouwen, 2018, p.35). Na verdade, refere-se a certeza da qualificação divina e individual para cumprir a missão confiada (Spurgeon, 2011).

Essa qualificação divina é alimentada e reforçada através da proximidade com Deus, pois a “oração é intimidade e companheirismo com Ele, além de ser a porta de entrada em sua presença” (Tippit, 2019, p.45). O líder que é vocacionado compreende que a chamada pessoal coloca Deus no centro de sua vida em tempo integral, não apenas quando se tem um problema para resolver (Vanhoozer, 2015).

Tal postura de limitar Deus tão somente a um resolvidor de problemas, acaba enquadrando a oração como “apenas o cumprimento de uma obrigação” (Tippit, 2019, p.46). Jesus, por exemplo, ordenou que seus discípulos permanecessem orando até que o Espírito Santo descresse. A constância na oração permitiu que eles recebessem o poder suficiente para cooperarem na missão divina (Costa, 2019).

Em outras palavras, os discípulos foram capacitados conhecendo, pela oração, o que deveriam fazer e tal conhecimento “liberta o discípulo para o pleno exercício de sua vocação” (Cenedesi & Santos, 2022, p.132). O problema de achar que sabe das coisas pode gerar arrogância ou soberba,

contudo, a própria oração, mais uma vez, destaca que num encontro secreto com o Deus santo, o orgulho não tem espaço (Tippit, 2019).

Sendo assim, a vocação pessoal lança um desafio inevitável, a saber, a provação, pois, segundo Spurgeon (2011, p.34)

devemos provar-nos a nós mesmos para ver se podemos aguentar intimidações, fadigas, calúnias, zombarias, privações, e se somos capazes de suportar que façam de nós a escória de todos e que nos tratem como nada por amor a Cristo

O líder chamado pessoalmente terá dificuldades e dúvidas ao longo da trajetória, sobretudo, embates com outras pessoas, mas a direção nesses momentos, preparação para suportar e capacidade para perseverar são indicativos de que há convicção na vocação divina (Spurgeon, 2011). E o contrário, também é verdade, pois pode demonstrar que não há certeza do chamado.

Ainda falando sobre a oração, se o chamado é pessoal, a relação com Deus também deve ser pois enquanto ora, “é capaz de trazer a presença de Deus para dentro da privacidade dos nossos lares e do nosso coração” (Tippit, 2019, p.30). Esse relacionamento pessoal evidencia que Jesus, o bom pastor, é o líder dos vocacionados, é Ele quem lidera os liderados (Shedd, 2000).

Com essa certeza, antes que haja desespero pela inquietação (Piper, 2022), o líder poderá demonstrar que tem preparado seu ouvido para ouvir (Shedd, 2000). A vocação pessoal carrega consigo as ferramentas divinas, sendo uma delas, a sabedoria que difere da inteligência humana que significa a habilidade em usar a razão e experiência, enquanto “aquela refere-se à inteligência divina” (Shedd, 2000, p.43).

Complementando a ideia, o líder cristão conta com um padrão de santidade, obediência e fé, de relacionamento real e verdadeiro com Deus (Costa, 2019). Esse é o diferencial daquele que é chamado pessoalmente pelo Senhor da obra, principalmente porque “um líder, segundo o padrão de Deus, certamente demonstrará a sabedoria lá do alto, concedida pelo Espírito Santo de Deus” (Shedd, 2000, p.45).

Esse é um tipo de recurso usado por Deus para capacitar aquele que Ele chama, mesmo que, a priori, não haja nenhuma valência que se destaca na pessoa vocacionada (Corrêa, 2016). Não é sobre o candidato, mas é sobre quem chama, o Senhor, o dono da obra, o Deus que toma a iniciativa, pois, “essa metodologia de Jesus leva-nos a refletir na nossa grande missão e vocação, que é continuar despertando outros vocacionados e conduzi-los para a salvação em Cristo Jesus” (Cenedesi & Santos, 2022, p.132).

Por isso, há a chamada pessoal, Jesus vocaciona e envia pessoas para que a obra continue (Costa, 2019). E a exclamação fica por conta da “missão profética: Ser chamado e ser enviado!”

(Schmitt, 2015, p.1226). Porém, outra grande dúvida é como se dá esse processo e aqui está o argumento de Shedd (2000, p.9)

muitas pessoas mantêm a opinião que líderes nascem com um talento especial para a direção de outros. Eles são presentes de Deus para sua igreja. Outra opinião mantida de que líderes são feitos e moldados pela educação, experiência e circunstâncias. As oportunidades favoráveis que surgem em alguns ambientes e situações formam a prova máxima, na qual líderes adquirem seus incentivos e oportunidades. A melhor explicação une elementos das duas teorias [...] Deus escolhe e molda o caráter dos homens e das mulheres que ele quer para liderar seu povo, tanto pelo nascimento como pela oportunidade.

De uma maneira mais resumida, se é que é possível, Cenedesi & Santos (2022) acreditam que a identidade vocacional se solidifica no decorrer de toda a caminhada cristã, ajustando a postura em relação ao outro e ao trabalho propriamente dito, sempre apontando para a vocação confiada. Ainda acrescentam que, tanto líderes das igrejas quanto profissionais que trabalham com pessoas, ambos “têm em comum uma longa caminhada de aprendizagem” (Cenedesi & Santos, 2022, p.127).

Essa caminhada é determinante para saber o tipo de vocação específica que Deus deliberou, pois “quando se é chamado por Deus, há uma convicção íntima que não lhe permite investir a vida em nenhuma outra vocação” (Corrêa, 2016). Portanto, a vocação é vista como prioridade na vida de quem é chamado.

3.3 VOCAÇÃO COMO PRIORIDADE

Dando um enfoque maior na passagem de Êxodo 3, o verso 5 apresenta uma das grandes verdades do chamado divino, uma vez que relata a exigência do Senhor para que Moisés se aproxime. O texto diz assim “Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.” Não há como permanecer próximo de Deus da forma que se quer.

Cole busca compartilhar o início deste costume

tira as sandálias. Este é mais um dos símbolos asiáticos de adoração. Há duas possíveis origens para esta expressão de reverência. Primeiramente ela pode ser o sinal de aceitação da posição de servo, pois o escravo geralmente vivia descalço (Lc 15:22). Em segundo lugar, pode ser uma reminiscência de dias muito antigos quando os homens deixavam de lado toda e qualquer aparência ou coberta para se aproximarem de seus deuses (1981, p.62-63)

Em ambos os casos originários, é possível detectar a ação de submissão de alguém para com outro alguém, sobretudo, de níveis diferentes. Reconhecer isso é concordar com Corrêa quando defende que “a grandeza do ministério pastoral está exatamente relacionada ao chamado” (2016, p.15).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, quando o evangelho de João relata o reencontro de Jesus com Pedro, há um diálogo constrangedor para este, porém, após repetir pela terceira vez a pergunta e ouvir a resposta, “estando seguro do amor de Pedro, Jesus lhe dá a tarefa de ministrar” (Nouwen, 2018, p.37). Em Pedro há submissão e, por isso, recebe diretamente uma missão.

A princípio, o candidato que deseja ser líder é tido como um voluntário (Shedd, 2000). Porém, “o primeiro sinal da vocação celeste é um desejo intenso e absorvente de realizar a obra” (Spurgeon, 2011, p.11). Não é um serviço de um fim de semana, mas há um impulso que permanece, que resiste a provação, que impede de desistir, embora haja motivos e vontade para tal (Spurgeon, 2011).

Vale destacar outro comentário exegético de Êxodo 3.5

tire as sandálias. A presença de Deus torna sagrado o arbusto e a área imediatamente ao redor. Posteriormente, a montanha inteira será designada como santa, quando Deus aparecer perante os israelitas (Ex 19-24). Ao remover seus calçados, Moisés possivelmente expressa uma atitude de humildade ou respeito pela presença de Deus. Por outro lado, estar descalço pode ser necessário devido à santidade do solo. (Alexander, 2023, p.19)

Seja pela humildade de Moisés ou pela exigência do Santo Deus, tirar as sandálias em um contexto de deserto, lança luz a ideia de que, a partir da vocação, a evidência de “um chamamento divino é uma correspondente abertura na providência” (Spurgeon, 2011, p.27). Em outras palavras, é a certeza de que tudo o que se precisa e/ou precisará está naquele que o chamou, em Deus (Tippit, 2019).

Por esse prisma, observa-se que aceitar o chamado desse Deus que ordena tirar as sandálias envolve entregar a sua vida e “significa oferecer sua própria fé e dúvida, esperança e desespero, alegria e tristeza, coragem e medo” (Nouwen, 2018, p.39). Quando não há essa abertura, o líder passa a exercer domínio, poder, autoridade como uma ditadura, mesmo que sutil (Nouwen, 2018).

A explicação para tal postura é recusar-se ser líder conforme os padrões divinos, uma vez que para ser bênção na vida de outra pessoa e até servir o Corpo de Cristo é necessário que se sirva ao Senhor (Lidório, 2014). Moisés só foi útil porque obedeceu ao padrão inicial; tirar as sandálias.

Da mesma forma, Jesus comissionou seus discípulos para compartilharem a mensagem sobre o Reino exigindo, de cada um deles, uma postura coerente com os valores da vocação (Costa, 2019). Interessante notar que não é algo isolado ao antigo ou ao novo testamento de forma exclusiva, pois “este padrão pode ser visto em toda a Bíblia e tem o seu ápice em Jesus Cristo que veio cumprir a vontade do Pai e foi fiel até a sua morte de cruz” (Costa, 2019, p.11).

Sendo assim, há consenso em assumir a necessidade de seguir o padrão, mesmo que “a santidade, do ponto de vista humano, coincide com boa reputação” (Shedd, 2000, p.39). Porém, Tippit (2019) afirma que o viver santo é produzido pela oração e Spurgeon aconselha a preocupar-se mais pelo zelo em “andar com Deus do que com qualquer outra coisa” (2011, p.24).

Dessa forma, o tirar as sandálias atualmente pode ser comparado a renunciar a qualquer outra preocupação, inclusive as oportunidades de liderar (Spurgeon, 2011), para ter esse relacionamento mais íntimo e próximo com o Senhor da missão. Tippit apresenta três razões para defender a importância desse tempo.

A primeira diz respeito a constância na obra. A segunda refere-se à viabilidade no trabalho e “a terceira razão é que Deus não apenas abre os corações para o evangelho, como também capacita o proclamador da mensagem de Cristo” (Tippit, 2019, p.29). Não é possível ser um vocacionado sem priorizar quem chama.

O líder que Deus chama precisa demonstrar que prioriza sua vocação e, também, aquele que o vocacionou, pois “Moisés recebeu seu chamado e comissão na solitude do deserto midianita, mas Josué foi comissionado publicamente por Moisés e Eleazar” (Wiersbe, 2006, p.475). Independentemente de quantas pessoas estavam envolvidas no ato da vocação, é preciso “comprometer-se publicamente” (Madureira, 2019, p.34).

Essa necessidade se dá pela compreensão de que cada pessoa é vocacionada específica e especialmente por Deus para uma parte importante da Missão geral (Costa, 2019). Tal compreensão pode convergir para um caminho perigoso ao membro do corpo quando este assume seu cargo publicamente, pois “a manutenção do anonimato é o que faz de qualquer multidão um lugar confortável para aqueles que desejam seguir Jesus sem compromisso” (Madureira, 2019, p.34).

Dito de outra forma, a igreja contemporânea passa a impressão de ter se esquecido do chamado missionário que envolve assumir uma postura que aponte para o propósito redentivo de toda a criação (Costa, 2019). Tem sido ensinado que o principal são, equivocadamente, os valores morais, integridade e incentivo a vida devocional, no sentido individual (Cenedesi & Santos, 2022).

Ou seja, os vocacionados que priorizam seu chamado e quem o chamou, compreende que “depois de terem caminhado lado a lado com Jesus, [...] participando ativamente do seu grande projeto pedagógico, os discípulos foram enviados a continuar a missão” (Cenedesi & Santos, 2022, p.132). Não ficam restritos a si mesmos, mas conhecem e atuam na sociedade capacitados pela verdade do reino de Deus, testemunhando de maneira livre e plena sobre este reino de Jesus (Cenedesi & Santos, 2022).

A prioridade na vocação também diz respeito a relação com aquele que o chamou pois, “Deus fica com um ou dois pedaços só porque nos sentimentos culpados se não lhe entregarmos nada” (Chan, 2009, p.87). Saulo, outro exemplo encontrado nas páginas do novo testamento, colocou em prática sua piedade, também, se dedicando não apenas aos estudos, mas à obediência das sagradas escrituras (Amide, 2019).

O líder vocacionado que prioriza o seu chamado intercede, visto que, “a intercessão é o investimento intencional de oração” (Arantes, 2016, p.53). Investir nesse tempo com o Senhor da obra contribui para o bom andamento do cumprimento da própria missão delegada, uma vez que

a nossa vocação a serviço de Deus na educação demanda que antes de começarmos a mudar o mundo alinhemos a visão que temos dele à cosmovisão cristã, a fim de cumprirmos nossa missão com a certeza declarada em Provérbios 16.4, de que ‘O Senhor fez todas as coisas para determinados fins’ e instituiu a nós, seus discípulos neste mundo, neste tempo, nesta sociedade, neste lugar em que estamos para mudar o enfoque fundamental das práticas educacionais, para vivenciar práticas mais ricas, abertas e significativas de comunicação pedagógica inovadora, profunda e criativa que estejam acima de tudo alinhadas aos valores do Reino (Cenedesi & Santos, 2022, p.134)

Isso é priorizar a vocação e quem vocacionou. Compreender que a chamada vem de Deus é aceitar que há algo de sublime, digno de honra, distinto, cheio de beleza, de significado e responsabilidade (Corrêa, 2016). Mesmo que haja similaridades entre lideranças políticas, empresariais e religiosas, “as motivações devem ser bem diferentes” (Shedd, 2000, p.123).

Essa diferença está no líder que diz regularmente “estou orando” (Tippit, 2019, p.18). É de se admitir que cada igreja, comunidade e geração, assim como Moisés, precisam receber um toque de Deus (Tippit, 2019). O problema habita no que cada um desses grupos prioriza e anseia, visto que, “nem todas as igrejas são sábias, e nem todas julgam no poder do Espírito Santo, mas muitas julgam segunda a carne” (Spurgeon, 2011, p.24).

Quando o Senhor é priorizado, como consequência, o seu reino crescerá entre o líder e os liderados, pois eles estarão focados orando e obedecendo (Tippit, 2019). Assim, a dúvida e o medo perdem força, pois “se um homem for vocacionado para pregar, será dotado de capacidade em algum grau para falar, capacidade que ele cultivará e desenvolverá” (Spurgeon, 2011, p.16). A capacidade vem pela oração, bem como o cultivo de tal habilidade.

Caminhando na contramão da prioridade, há aqueles que acreditam ser chamados por Deus porque não conseguiram sucesso em outras áreas. Para exemplificar, Spurgeon (2011, p.33-34) cita que

encontrei dez, vinte, cem irmãos que alegavam estar seguros, completamente seguros de que foram chamados para o ministério – estavam completamente certos disso porque tinham falhado em tudo mais [...] Em geral a minha resposta é: “Entendo, você fracassou em tudo mais, e daí acha que o Senhor o dotou especialmente para o Seu serviço; mas creio que você se esqueceu de que o ministério precisa dos melhores homens, e não dos que não conseguem fazer nenhuma outra coisa.”

A verdade é que a vocação se encaixa em todos os que entregaram sua vida para Jesus, por outro lado, há aqueles que estudam e trabalham e são chamados a continuar assim, enquanto outros, são chamados a deixar esse tipo de vida para viverem integralmente na obra (Costa, 2019). O sucesso

ou insucesso em outras áreas não deve ser o divisor de águas para aceitar o chamado ou não, pois “existe também um chamado específico, não melhor ou superior ao geral [...] para a evangelização de todos os povos da terra” (Costa, 2019, p.10).

Priorizar a vocação é admitir que se trata de um chamado especial e que vai além do esperado. Jesus não veio para esperar os aplausos ou admiração dos outros, contudo, enquanto “Jesus pergunta: ‘Você me ama?’ Nós perguntamos: ‘Podemos sentar à tua direita e à tua esquerda no teu reino?’” (Nouwen, 2018, p.49). E Nouwen (2018) ainda revela que é possível dar diversos argumentos para obter algum poder, inclusive colocando à disposição do reino.

Moisés, em Êxodo 3, foi ordenado – sim, ordenado – a retirar as sandálias para ser vocacionado por Deus. Ele priorizou a missão. Atualmente, os líderes precisam estar dispostos a deixar suas sandálias de lado e responder sinceramente “você está apaixonado por Jesus” (Nouwen, 2018, p.24). A resposta a esta pergunta, revelará qual é a prioridade do líder.

Portanto, o Deus que chama também prepara pessoas e outros instrumentos para contribuir com a caminhada do vocacionado e isso não tira o peso de uma chamada pessoal, na verdade, propõe a reflexão do que tem sido priorizado na vida do líder. Em outras palavras, o líder chamado, sustentado e guiado por Deus só o é quando ele renuncia a si mesmo e, prioritariamente, se aproxima do Senhor da missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, a liderança cristã não se trata apenas de um cargo, mas um chamado, uma vocação divina. Sendo assim, é possível garantir, conforme o primeiro capítulo, que o líder é chamado por Deus, necessariamente, para preparar a próxima geração, bem como ensinar e ser exemplo ao povo.

Em seguida, no capítulo dois, foi apresentado que o destaque está na presença motivadora de Deus. Uma vez que ela foi prometida, o Senhor do povo cumpriu com sua palavra e nessa presença é que o povo, sobretudo o líder, deve depender e se submeter.

Já o terceiro capítulo, a convicção de ser levantado por Deus, justifica a dependência e submissão exigida ao líder cristão. É o Senhor quem levanta pessoas para auxiliar no desenvolvimento do candidato, porém, antes disso, o próprio líder compreende a vocação como algo pessoal e a cultiva como prioridade em sua vida.

O cargo de liderança é indispensável em qualquer instituição (Conceição, 2013) e, quando se fala de igreja, a necessidade não diverge. O que distingue o líder geral de um líder cristão é aquele que o chama (Lidório, 2014). Acredite, faz muita diferença.

Uma das grandes diferenças é que o líder chamado por Deus é conduzido, na necessidade, para servir e não ser dono do povo (Scholl, 2016). Aceitar esta orientação é seguir dentro dos parâmetros estabelecidos por quem chama, pois “a definição divina do que importa é bem objetiva e franca” (Chan, 2009, p.90).

Tal definição exige maturidade e, obviamente, ninguém nasce pronto, pois até Davi, antes de ser rei, foi um menino (Earley, 2018). Essa afirmação contribui para a ideia de que o líder mestre é alguém que, além de ensinar, também aprende e “não se resume a transmitir ensinamentos teóricos da vida cristã” (Arantes, 2016, p.122).

Outra característica muito importante é o líder ser um modelo, pois, Erwin afirma que “o ensino é uma orientação prática” (2005, p.66). Dito de uma maneira diferente, Stott (2011) aponta que vida e estilo de vida são expressões que se complementam e uma não pode estar distante da outra.

O que garante a perseverança do líder nessa conduta é a presença prometida e cumprida de Deus. Cordeiro (2008) revela que seu maior medo é estar longe do Senhor. Já Martins assegura que o sucesso e segurança do povo é “a presença de Deus que os acompanhava em tudo” (2022, p.30). Hoje continua sendo assim.

Para usufruir de tal companhia, o líder precisa dedicar tempo ao assumir que depende tão somente daquele que o chama, inclusive, se o chamado é sagrado, “suas atividades devem ser baseadas nos aspectos levantados pelo livro sagrado” (Conceição, 2013, p.9). A primeira preocupação do líder não é envolver o máximo de pessoas possível, mas é ter encontros com Deus (Piper, 2022).

O que incentiva essa busca é a submissão ao Senhor da obra, visto que, evita se desesperar na criação de ideias ou outros fatores que podem causar desvio do alvo original (Madureira, 2019). Manter-se dentro do estilo exigido é, em outras palavras, cumprir a primeira exigência de um líder cristão, a saber, a santidade (Shedd, 2000).

Almejar a santidade é necessário tanto quanto reconhecer que o Deus que chama também dispõe recursos e pessoas para auxiliar no processo, inclusive levantando Jetro, por exemplo, um estrangeiro que reconhecia o Deus de Israel como o seu Senhor (Alexander, 2023). Ou seja, a vocação, mesmo sendo pessoal, não limita alguém a fazer tudo sozinho, pois tal comportamento, “às vezes indica o excesso de zelo e ansiedade” (Cole, 1981, p.136).

Aceitar ajuda de outros não tira o mérito da chamada, porque o chamamento é “pessoal, incontestável e irresistível” (Lidório, 2014, p.7). Assim como foi com Moisés, Deus se revela pessoalmente àquele a quem ele quer chamar (Schmitt, 2015).

Por fim, mas não menos importante, o líder que Deus chama reconhece o ministério como prioridade e se satisfaz ao cumpri-lo por saber que “tudo o que ele precisa encontra em Deus, através de Jesus Cristo” (Tippit, 2019, p.39). E isso demandará um bom tempo, havendo, no líder chamado por Deus, um desejo ardente e intenso de contribuir na obra confiada.

Portanto, pelas pesquisas e autores citados, o líder que Deus chama não faz o trabalho pela metade, uma vez que quem vocacionou acompanha, capacita e prepara. O líder serve, primeiramente, a Deus e dessa convicção, como Moisés, prioriza o chamado, depende do Senhor da obra e prepara outros para que haja continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, T. Desmond. *Êxodo* / T. Desmond Alexander; tradução de José Ribeiro Neto; organizado por Mark L. Strauss, John H. Walton; coorganizado por Kevin, Sherry Harney; com a colaboração de Adam Barr. - São Paulo: Vida Nova, 2023.

AMIDE, Ceam. *A Nossa Vocação Dentro dos Propósitos de Deus: Ensaio de Tim Carriker*. Revista Ibero-Americana de Missiologia, n. 01, 2019.

ARANTES, Roosevelt. *Aprofundando Raízes: dinâmica e elementos do relacionamento discipulador* / Roosevelt Arantes. Rio de Janeiro: JMN, 2016.

CALIGUIRRE, Jeff. *Os Segredos de Liderança de Paulo*; traduzido por Paulo Purim – São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

CENEDESI, Renata Trivelato Felício; SANTOS, Denise Afonso Sabino. *EDUCAÇÃO E VOCAÇÃO: UMA MISSÃO A SER PARTILHADA*. Revista de Reflexão Missiológica, v. 2, n. 2, p. 120-137, 2022.

CHAN, Francis. *Louco amor: maravilhado com um Deus que nunca muda* / Francis Chan, Danae Yankoski; traduzido por Omar de Souza. - São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

COLE, R. Alan. *Êxodo introdução e comentário*; tradução Carlos Oswaldo Pinto. - São Paulo: Mundo Cristão, 1981

CONCEIÇÃO, Frederico do Nascimento. *Critérios fundamentais que determinam a construção de uma liderança cristã em uma entidade religiosa do Distrito Federal*. 2013.

CORDEIRO, Wayne. *Mentores segundo o coração de Deus: preserve sua alma, estabeleça seu legado e mantenha viva a Palavra de Deus dentro de você* / Wayne Cordeiro; tradução Andrea Filatro – São Paulo: Editora Vida, 2008.

CORRÊA, Eli Bento. *Você foi realmente chamado para o ministério pastoral?* / São Caetano do Sul, SP, Luna Editorial, 2016.

COSTA, Bruno. *Reflexão teórica sobre Vocação Missionária, Missão de Deus e Missões*. Revista Ibero-Americana de Missiologia, n. 01, 2019.

DE SOUZA, Clayton Lima. *A liderança eclesiástica e o modelo de Jesus*. Revista Cognition, v. 3, n. 1, p. 202-217, 2021.

EARLEY, Dave. *8 hábitos do líder altamente eficaz de pequenos grupos* / Dave Earley. – Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 2024.

EARLEY, Dave. *Três coisas que todo pastor deve fazer* / Dave Earley; tradução de João Ricardo Moraes. - Rio de Janeiro: JMN, 2018.

ERWIN, Gayle D. *O estilo de Jesus: lições práticas da sua vida e ministério* / Gayle D. Erwin; tradução Cristina Frey. – São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

LIDÓRIO, Ronaldo. *Vocacionados*. Curitiba, PR. Editora Betânia, 2014.

MADUREIRA, Jonas, 1976 - *O custo do Discipulado: a doutrina da imitação de Cristo* / Jonas Madureira - São José dos Campos, SP: Fiel, 2019

MARTINS, Yago. *Cristo habita em ministérios fracassados: a presença divina em obras desprezadas pelos homens, mas aprovadas por Deus* / Yago Martins - Niterói, RJ: Concílio, 2022

MAXWELL, John C. *As 21 irrefutáveis leis da liderança* / John C. Maxwell; traduzido por Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

NOUWEN, Henri J.M. *O Perfil do Líder Cristão do Século XXI* / J.M. Nouwen; [Tradução de Wilson Rosa Filho]. Curitiba, PR: Editora Atos, 2018. 64 páginas.

PADILHA, René. *O que é missão Integral?* / C. René Padilha - Viçosa, MG: Ultimato, 2009

PIPER, John. *As marcas de um líder espiritual* / John Piper; tradução de Rafael B. Salazar - Brasília (DF): Éden Publicações, 2022.

SCHMITT, Gustavo. *Êxodo 3: Um reflexo da profecia*. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. 2015. p. 1207-1228.

SCHOLL, Helmuth. *Liderança servidora: uma resposta à crise de liderança no século XXI*. Revista Ensaios Teológicos, v.2, n.1, 2016.

SHEDD, Russel Philip. *Bíblia Sagrada* / editor responsável Russel P. Shedd; traduzida em português por João Ferreira de Almeida. - 2. ed. rev. e atual. no Brasil. - São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

SHEDD, Russell Philip, 1929. *O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio* / Russell P. Shedd; tradução Edmilson F. Bizerra. São Paulo: Vida Nova, 2000. 128p

SPURGEON, Charles Haddon, 1834-1892. *O Chamado para o Ministério* / C.H. Spurgeon; [tradução Odayr Olivetti]. 2.ed - São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2011

STOTT, John. *O Discípulo Radical*/ John W.R. Stott; traduzido por Meire Portes Santos - Viçosa, MG: Ultimato, 2011

TIPPIT, Sammy. *O fator oração* / Sammy Tippit; tradução de Elda Gomes Zambrotti. – Rio de Janeiro: JMN, 2019

VANHOOZER, Kevin. *A Trindade, as Escrituras e a função do Teólogo: contribuições para uma teologia evangélica*/ Kevin J. Vanhoozer; tradução de Marcio L. Redondo - São Paulo: Vida Nova, 2015.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume 1, Pentateuco* / Warren W. Wiersbe; traduzido por Susana E. Klassen. - Santo André, SP: Geográfica editora, 2006